



TAINÁ MASCARENHAS DE LUCCAS

VIDA E TEMPO EM PROLIFERAÇÃO:
IMAGENS QUE EXPERIMENTAM MUDANÇAS E
CLIMAS

CAMPINAS,
2013



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM
LABORATÓRIO DE ESTUDOS AVANÇADOS EM JORNALISMO – LABJOR

TAINÁ MASCARENHAS DE LUCCAS

VIDA E TEMPO EM PROLIFERAÇÃO:
IMAGENS QUE EXPERIMENTAM MUDANÇAS E CLIMAS

Orientadora: Profa. Dra. Susana Oliveira Dias

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem e ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, da Universidade Estadual de Campinas, para a obtenção do título de mestre em Divulgação Científica e Cultural, na área de Divulgação Científica e Cultural.

CAMPINAS,
2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR
TERESINHA DE JESUS JACINTHO – CRB8/6879 - BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE
ESTUDOS DA LINGUAGEM - UNICAMP

L962v Lucas, Tainá Mascarenhas de, 1983-
Vida e tempo em proliferação : imagens que
experimentam mudanças e climas / Tainá Mascarenhas
de Lucas. -- Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador : Susana Oliveira Dias.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Divulgação científica. 2. Mudanças climáticas. 3.
Comunicação visual. I. Dias, Susana Oliveira. II.
Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos
da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em inglês: Life and time in proliferation: images that experience
changes and climates

Palavras-chave em inglês:

Science communication

Climate changes

Visual communication

Área de concentração: Divulgação Científica e Cultural.

Titulação: Mestra em Divulgação Científica e Cultural.

Banca examinadora:

Susana Oliveira Dias [Orientador]

Alik Wunder

Carolina Cantarino Rodrigues

Data da defesa: 15-03-2013.

Programa de Pós-Graduação: Divulgação Científica e Cultural.

BANCA EXAMINADORA:

Susana Oliveira Dias

Alik Wunder

Carolina Cantarino Rodrigues




Antonio Carlos Rodrigues de Amorim

Elenise Cristina Pires de Andrade

IEL/UNICAMP
2013

Agradecimentos

Agradeço à *vida*, força intensa que nos movimenta, motiva, cria e recria possibilidades de existência. Vida com vontade de mais vida.

Aos elementos do clima e forças da natureza – devires-nuvem, *vento*, *chuva*, *céus azuis* e muito *sol* para aquecer nossas vidas. Intensidades que se fizeram presentes em toda esta pesquisa-escrita em seus diversos momentos-intensidades.

À minha família, aos meus pais, pelas conversas, motivações, carinho e apoio incondicional.

Ao David, companheiro de todos os dias, um índio-loiro que apareceu na minha vida com o dom de transformar manhãs cinzentas em dias ensolarados de riso solto. A toda sua família, que me recebeu com muito carinho aqui em Campinas.

Aos amigos de todos os cantos que fazem da vida uma experiência indescritível e mágica.

À oportunidade de fazer este curso de mestrado que trouxe tantas movimentações potentes de pensamentos e sensações. Aventuras imprevisíveis e muitos aprendizados; a chance de conhecer pessoas muito especiais neste caminho-mestrado, cada uma com sua presença peculiar, seu jeitinho único. Muitos sorrisos abertos, olhares vivos e conversas interessantes.

A toda a equipe labjoriana, professores e funcionários, pessoas muito bacanas de conviver, que fazem desse espaço um lugar gostoso de frequentar/estudar.

Aos integrantes do Projeto Alcsences.

Aos amigos do curso e aos colegas do grupo de pesquisa multiTÃO e do grupo Grip, vocês foram essenciais: Fer, Marcelo, Danilo, Juliano, Alê, Vi, Fabi, Aline, meninas *pic* – Elena, Fer, Tainá, Helen, Mari, e tantos outros que passaram e deixaram sua presença de alguma maneira neste caminho-mestrado.

À Fernanda Pestana pela amizade e bons papos de sempre. Obrigada pela força na composição imagética deste texto.

Ao professor Etienne Samain, pela doce simpatia e leveza de um senhor-menino.

Aos professores Antônio Carlos Amorim e Elenise Andrade, suplentes da minha banca de defesa e pessoas muito interessantes de conversar.

Às professoras Carolina Cantarino e Alik Wunder, pela presença na banca de qualificação e defesa, por suas considerações que contribuíram muito para o desenvolvimento desta pesquisa, convidando-a a sair corajosamente à chuva. Toques especiais que nortearam caminhos importantes para esta escrita-pesquisa. Grata, meninas!

À Susana Dias, Su, orientadora querida, uma pessoa encantadora que tive a oportunidade de conhecer/conviver durante esses dois anos de mestrado, com sua fabulosa *força de vida*. Foram muitas (des)orientações, percursos, derivas, desvios... Momentos em que me sentia completamente perdida diante do furacão de desconfortos de pensamentos que as nossas conversas e leituras provocavam. Momentos muito potentes e de grande aprendizado.

Obrigada por toda a paciência, pela presença em todos os momentos desta escrita e pelos incentivos de sempre.

À CAPES, pelo apoio durante o mestrado.

Aos encontros marcados, aos desencontros, aos encontros ao acaso que fazem da vida sempre uma aventura instigante.

Resumo

Nuvens de pensamento que se encontram e dispersam... Será que vai chover? Potência que se faz em água. Pesquisa-inundada que deseja pensar a imagem fotográfica enquanto potência de vida – uma imagem-viva que prolifera intensidades distintas que movimentam nossos pensamentos e sensações em fluxos imprevisíveis, devires. *Ventos* que me levaram ao encontro de fotografias que querem representar o clima – as mudanças climáticas, desejo de aproximação com esses materiais para pensar as potências de vida nas/pelas/com/por essas imagens. Intensidades que se propagam desde dentro desses corpos-imagéticos cada vez mais presentes em nossas vidas e que criam formas de habitar o mundo. Imagens estas que aparecem na mídia e na divulgação científica – fotografias que, com frequência, dizem de um tempo que passou (o vivido) e também desejam afirmar um tempo futuro (*querem fixar as nuvens?*); discursos que investem na previsibilidade do tempo, no controle das forças da natureza, na conservação da vida. Imagens que carregam muitos clichês e tentativas de fixação de sentidos em torno das mudanças do clima. E como, então, procurar *potências de vida, outras temporalidades* nessas imagens cada vez mais encharcadas de clichês? Questão que movimentou o pensamento-escrita-pesquisa a se aventurar por entre fotografias clichês, mudanças e climas; estudos que passaram a integrar as atividades do projeto de extensão “Vida e tempo em proliferação: experimentações com as imagens das mudanças climáticas” (Faepex/Unicamp) – que trafegou pelas interfaces entre ciência, arte, filosofia, comunicação; com a criação de artefatos e contato com o público. *Que vida e tempo pulsam dessas imagens?* Pergunta que movimentava nossas pesquisas/experimentações a procurar possibilidades distintas de aproximação com as imagens do clima, intensidades que pudessem emergir desde dentro dos clichês, das tensões entre retenção e fluxo de significados; controle e descontrole; previsibilidade e imprevisibilidade, forças marcantes nas imagens e dizeres climáticos. Buscamos experimentar outros caminhos e possibilidades de encontro com o tema climático, outras políticas e poéticas imagéticas que pudessem proliferar fluxos imprevisíveis de pensamentos em devir.

Palavras-chave: mudanças climáticas; imagem; clichê; comunicação visual; devir.

Abstract

Clouds of mind which meet and scatter... Is it going to rain? Floated research desires thinking about a photographic image while the power of life – alive image makes different intensities which move our thoughts and sensations of flows becoming unpredictably. *Winds* enlance me until photographs, wanting to present the atmosphere – climate changings, approach desire with these materials, thinking about the life power within through these images. Intensities scatter since the beginning of these image-bodies even more inside our lives, creating slims which inhabit the world. These images arise on the media screens and scientific communication – photographs that, frequently, tell about an old time which passed by (lived) besides they desire the destiny (*do they want to be clouds?*). Speeches increase time predictably, manage the strengths of the nature, controlling life. Images which carry a lot of clichés and sense fix temptation of signs according to climate changings. So how looking for life power, other time changings to these images each time more floated by clichés? It is a question of movement that turns on the writing thoughts research to adventure among photos clichés, changings and climate; studies that take part in the extension project activities “Life and time proliferating: experiences with climate image changings” (Faepex/Unicamp) –walking on the surfaces among science, art, philosophy, communication; with the creation of manufacture in touch with public. Which life and time pull these images? Question that moves our researches/experiences looking for different possibilities of approaching to the climate images, intensities which could emerge from inside the clichés, tensions between holding back and meaning flows; controlling and losing control; predictable and unpredictable, remarkable strengths inside images and climate speeches. We are looking for experiencing other ways and possibilities of enlacement with the climate subject, other politics and poetic images that could proliferate flows and unpredictable becoming thoughts.

Key-words: climate changes; image; cliché; visual communication; becoming.

Sumário

<i>E alguém falou que era assim?</i>	12
<i>Imagens que querem fixar nuvens?</i>	24
<i>Vida e tempo</i>	33
<i>Será que vai chover?</i>	69
<i>Água-para- fluidificar-palavras</i>	84

“Talvez seja somente debaixo da chuva, debaixo do contínuo derramar do que não nos pertence nem podemos controlar, que teremos alguma chance de aprender novos comportamentos”
(Nuno Ramos, 2008)

E alguém falou que era assim?

Cap.1

Nunca pensei que fosse deste jeito, a pesquisa entrar tanto em nós mesmos e nós nela – achei que “pesquisa científica” fosse algo mais distanciado entre objeto e observador, um afastamento necessário para o sucesso do experimento. *Doce ilusão*. Como não ser inundada pelo fluxo de ideias, pensamentos, leituras, imagens, sensações, experimentações que surgem durante o caminho? Quase impossível. Seria como tentar conter a força avassaladora da água com as mãos, ou se proteger do temporal com uma sombrinha que se desfaz e seus pedaços são levados pelo vento. *Não daria, nem se quisesse*.

No início, confesso, tive receio de me deixar levar, tudo era muito fluido, escorregadio demais. Um terreno nada firme para pôr os pés, e o corpo hesitava em firmar o passo. Contraída, enrijecia os músculos, o que se refletia na contenção das palavras e na trava da escrita. Blocos duros de parágrafos apareciam forçosamente no meu texto, eram como muros que queriam conter a enxurrada que poderia chegar. Pensei, então, em retornar ao território conhecido e confiável das coisas concretas e construções estáveis. Esboçava condomínios fechados em meus pensamentos, com seus altos muros que pudessem me proteger de qualquer ameaça externa, de um *porvir* desconhecido; de um possível furacão que, quem sabe um dia, poderia se aproximar.

Sem notar, estava aprisionando o meu próprio ser neste engano de segurança e estabilidade, onde $2+2=4$. Percebia que, em alguns momentos, já prolongava o olhar para fora da janela imaginando o que haveria do outro lado do muro, aquele lugar não reconhecível, de inúmeras possibilidades. Sensações ambíguas. Vontade de permanecer onde estava e desejo de avançar para um além-muro desconhecido. Conflito. Um corpo que deseja se lançar ao vento e sentir seus braços virarem asas inexplicavelmente e se deliciar neste novo devir – voar. E outro, que insiste em permanecer onde está, no território conhecido das sensações controladas, na sua zona de conforto.

Reflexos das intensidades distintas que atravessam o corpo-pesquisa: palavras e textos duros, mas com breves períodos flexíveis; e o corpo-pesquisadora: quase um ser-siri em sua *ecdise* (biólogos, ajudem-me com seus nomes científicos) – quando a velha carapaça

cai – a sua “pele” vive um período maleável e o corpo cresce; antes de formar uma outra estrutura rígida calcificada (?) que o protege, mas também o impede de expandir.

Já estava distante do ponto de início e ainda longe da chegada, encontrava-me na pesquisa-meio-do-caminho, andando sem saber ao certo para onde ir. E o que fazer agora? Voltar para trás? Fingir que nada disso aconteceu e retomar a uma pesquisa científica padrão? Adentrar novamente os muros do condomínio e ficar satisfeita por lá? *Já não daria, nem se quisesse.*

O *com*-domínio que protegia, agora aprisionava, organizava e reduzia a vista e a vida. Como escapar dessas rígidas muralhas do pensamento que foram solidificadas, durante anos na história, para restringir o nosso olhar para o lado de lá? Como encontrar rotas de fugas ou buracos nesta sólida superfície-parede? E adentrá-los com apenas a *certeza da incerteza*. Perguntas que não têm respostas dadas ($2+2 \neq 4$), seria preciso construí-las, ou melhor, inventá-las.

O desconhecido-do-outro-lado-do-muro já me parecia bem mais interessante e potente, e me encantava, justamente, pela sua não previsibilidade e força de poder ser alguma outra coisa, ou muitas outras coisas. Eis o desafio do não-ainda-conhecido, um lugar *porvir*, repleto de possibilidades e devires d’arte que trafegam por zonas de indeterminação potentes que criam, desconstroem, recriam, num *movimento* incessante e pulsante.

Lugares fluidos para um pensamento *nômade*. Uma pesquisa-perdida, mas que se encontra nos instantes, em alguns pontos, e depois se perde novamente, logo acha novas entradas e outras saídas, se aproxima e afasta... Pesquisa também com vida própria, que busca pensar com *imagens* e fazer vibrar as palavras. Recombinada constantemente, fragmentos espalhados que criam configurações diversificadas conforme deslizamos nossas mãos pelo teclado-tela-janela.

Pensamentos-pesquisa que buscam aproximações com a imagem como força de proliferação de intensidades distintas para um além-muro dos significados conhecidos e sentidos dados, buscando se lançar a devires e tempos imprevisíveis.

Imagens que trafegam por entre escritas... Um instante aberto à criação. Ora feroz, ora suave; ora temporal, ora garoa. Pesquisa-nuvem que se arranja e desarranja *constantemente*. Não se sabe aonde esta pesquisa vai chegar, se alcançará os objetivos e resultados esperados um dia propostos e imaginados, mas isto já não é o mais importante, pois a força está no caminho, nos espaços *entre*.

Há nuvens e acho que vai chover... O guarda-chuva quebrado e amassado pelo vento já não protege mais. Resta, agora, diluir-me nas gotas sem resistência, deixando o aguaceiro renovar o ser; águas que desenham novas rotas fluviais que desaguarão no mar, um oceano que se movimenta nele mesmo, chacoalha nossas sensações, afetos, devires... *Imensos problemas-pesquisa de nosso oceânico desejo de movimentar os pensamentos.*

Dentre tantas entradas possíveis para esta pesquisa-caldeirão, escolhi esta, que trará temperos variados, sabores, cheiros e cores que darão toques especiais à escrita: quem sabe colheradas fartas de Deleuze e Guattari com seus loucos e envolventes ingredientes-devires-tantas-coisas; uma xícara de argonautas de Godoy (safra 2008, barril de carvalho); pedaços antropofágicos do cartógrafo de Rolnik; ramos *picados* de Nuno; grãos de Samain Belga tipo exportação; extrato de Oliveira Jr; gotas de essência de Cantarino; pitadas duplas de Wunder; aroma suave de Espinosa do campo; toques de Pupos & Pestana; especiarias típicas da estação; adiciono água à Felisberto e deixo ferver por Dias. Misturo e bebo, não de uma vez. Beberei ao longo desta escrita. *Ouvi dizer que é bom para memória.*

Isto já não sei, pois tentei repetir esta experimentação-gastronômica (para quem sabe um dia virar uma opção de um livro de receita, ou melhor e mais rentável, uma nova descoberta da indústria farmacêutica que a produziria em cápsulas azuis); mas foi inútil. Já não sabia as medidas e as pitadas que usei de cada um e nem de mim mesma. Tentei lembrar, mas uma tal *Jeanne Marie*, que também passou por aqui, disse-me que a memória é feita de esquecimentos. Logo desisti da reprodução fiel desta poção. Mas a tomarei de conta-gotas ao longo desta pesquisa. *Ouvi dizer que espanta olho gordo e até professores-perguntadores-severos da banca de qualificação e defesa. Vai saber, né? Por via das dúvidas...*



Procurei maneiras de começar este texto – mas a tela branca que tanto incomoda permanecia.

Tela branca – vazia? Ou já repleta de excessos?

Branco, justo o branco. A cor monótona que traz em si tantas cores, intensidades, singularidades. *Tons de branco*. Reflexões de luzes. Gélida-cor-de-gelo, *fria?*

Cor estanque que congela as palavras. A porção tela branca cresce, solidifica-se à minha frente. É difícil penetrá-la. Como torná-la maleável? Como começar?

Lê e relê o escrito, tira e acrescenta, enxerta, recompõe. Começa de novo, ensaiando com outra voz, com outro tom. Começar a escrever é criar uma voz, deixar-se levar por ela e experimentar as suas possibilidades. O estudante sabe que tudo depende do que lhe permite essa voz que está inventando¹.

Escreve-apaga: a tela insossa permanece por dias.

Volta aos livros esparramados sobre a mesa. E segue. Afana-se em seu caderno de notas. E continua. Às vezes sente que não tem nada a dizer. E continua escrevendo, e lendo, para ver se encontra o que dizer. O texto vai lhe escapando das mãos. E continua²...

Apalpa letras, constrói palavras.

Eis um parágrafo! Ufa. Demorou, como demorou.

Queria escrever por imagens, tecer sons e movimentos.

Escrita que se deseja viva também.

Palavras-cores-para-penetrar-o-alvo-espectro.

Mergulhar na escrita. Liberar as palavras.

^{1,2} Trechos do livro *Estudar*, Jorge Larrosa, 2003, p.75.

Turbilhão de ideias e texto pulsante (?), performático (?), interrogação, interrogação (?), dois pontos (.. ou :?), ou reticências... ?

Agitação molecular que aquece.

Pedaços de gelo que se movimentam aqui e acolá no balanço do mar.

Navegam.

E as nuvens foram se aproximando...

*Será que a chuva vem? Garoa, temporal, passageira, não importa... *É chuva.**

Volto a começar. A escrita-pesquisa que se quer *andarilha* até tenta delimitar sua rota e chegada, mas o caminho acontece também nos desvios, nos espaços *entre*, nos encontros, nas pausas e olhares; nos fragmentos que ganham força e desenham novos passos no próprio caminhar. *O viajante é quem faz o caminho? o caminho é que faz o viajante? O-que-quem-inunda e quem-o-que-é-inundado?*

Na estrada encontro o cartógrafo e o cartógrafo me encontra. Este ser encantador que se relaciona com as transformações constantes da paisagem e também da vida, criando desenhos e apagamentos, retenções e expansões, em fluxos contínuos. O cartógrafo, elegantemente, me diz que o seu critério fundamental é o grau de abertura à vida que ele se permite a cada momento; fala que o seu princípio é sempre estar mudando de princípio (que estes são vitais e não-morais); e que a sua tarefa é dar língua para os afetos que pedem passagem e descobrir/inventar novas cartografias, outros mundos possíveis.

O cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos de desejo, tudo o que servir para cunhar matérias de expressão e criar sentidos para ele é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme, quando de uma conversa ou de um tratado de filosofia. O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, transvalorado. Está sempre buscando elementos/alimentos para compor suas cartografias. Este é o critério de suas escolhas: descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem das intensidades que percorrem seu corpo no encontro com os corpos que pretende atender (ROLNIK, 2007, p.65-66).

O cartógrafo vê a linguagem como uma possibilidade de proliferação, “ela é, em si mesma, criação de mundos. Tapete voador...” (p.66).

Peço emprestado (mesmo que em pensamento) este *tapete* para poder trafegar pelos céus e observar as *nuvens* mais de perto.

Nunca perdi a emoção primitiva de realizar algo impossível reservado ao sonho dos xamãs, ver a tribo do alto, olhar nos olhos de um pássaro, tocar com as mãos a fatia semi-sólida de uma nuvem e a barba de um Deus algar e azul, e chamá-lo de amigo (RAMOS, 2008, p.217).

Nuvem – *desterritório* de múltiplas conexões, aproximações efêmeras, pensamentos que se encontram e logo dispersam, ou precipitam. *Nuvem-que-se-quer-um-dia-chuva. Potência que se faz em água.* Encharcada, escuto Deleuze³ dizer que “o tufão é uma potência, mas não por derrubar casas, mas por simplesmente ser”. Uma força que “é”, *livre, mutante, e prolifera, independente do que irá resultar* (poderia haver casas no caminho do tufão ou não, ele aconteceu). O filósofo diz ainda: “alegrar-se na alma é uma potência”; “um pintor que conquista a cor, isso é uma alegria, mesmo que não termine do jeito esperado”.

Potência que *move, destrói e cria*. A arte seria uma possibilidade de manifestação da potência? Imagens, sons, palavras, objetos se aproximariam de uma “conquista”, de dar corpo (mesmo que fluido) às potências que atravessam e compõem a vida? *O que faz esta pesquisa potente? O que a movimenta?* Pensar uma *imagem viva* que prolifera; *apresenta*; cria e recria novas cartografias, outras formas de habitar o mundo. Intensidades que se encontram e se transformam em *outras forças*. Devires.

Potência na/com/por/pela imagem? Pensar e experimentar a imagem enquanto potência passa por caminhos que a aproximam de uma imagem-viva, uma superfície vibrante que prolifera, libera intensidades que escapam às tentativas de aprisionamento, pois *a vida é algo que não pode ser contido* (GODOY, 2008). Agitação molecular que carrega uma vontade de *vida intensa*; vida que expande por sua possibilidade de invenção e

³ Entrevista na qual Deleuze fala sobre “potência” baseado nas ideias de Espinosa, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=n20pTYFSiP8>

reinvenção em si mesma, percorrendo lugares improváveis e criando outras formas de existência; intensidades-vivas que se propagam desde dentro desses corpos-imagéticos e que nos afetam e movimentam, podem criar abalos profundos, fissuras.

Ventos intensos que me levaram ao encontro de fotografias que querem representar o clima, as mudanças climáticas. Desejo de aproximação com esses materiais para pensar as *potências de vida* nas/com/pelas imagens através de estudos *entre* a divulgação científica, a arte, a filosofia, a literatura, a educação e outros espaços *entre* que se fizerem potentes para movimentar o pensamento e a vida.

Começar a viver num momento qualquer abre um mundo. Não é uma banalidade. É desejar intensamente viver, e é nisto que a vida se empenha e arrisca. Abrir um mundo, encontrar um mundo, fazê-lo, implica aventurar-se, trata-se, pois, de uma aventura, noutros termos, aventurar-se no pensamento (GODINHO, 2012, p.49).

Aventurar-se por *entre* imagens, climas e mudanças... Abrir-se para o encontro com intensidades que se propagam desde dentro desses corpos imagéticos cada vez mais presentes em nossas vidas e que criam formas de habitar o mundo, uma viagem *imprevisível* por *entre* fotografias, representações, paisagens, cenários, clichês, que querem dizer do tempo e também da vida. Imagens que *movimentaram* intensamente os meus pensamentos enquanto possibilidade de pesquisa e também de experimentação.

Nuvens de pensamentos se encontram e dispersam a todo instante...

Será que vai chover?



...ul enfrenta...
...idade pública...
...desaloja mais...
...no Médio Vale...
...des transbordam...
...solidariedade...

Pesadelo
Maior enchente no Vale desde 1984 atingiu 28 municípios da região e alagou o Centro de Buzassari (foto). Previsão é de que a chuva pare hoje à tarde e o rio baixe até domingo

O DIA
www.odia.com.br R\$2,40
14 CARVALHO (1934-2023) | COMISSÃO: 16/07/2011 | ANO 65 | Nº 21.390 | 2ª edição

Aposentados: dinheiro atrasados está garantido
GOVERNO RESERVAU NO ARGUMENTO DESTE ANO R\$ 2,2 BILHÕES - R\$ 1Bil a mais do que o previsto - e o pagamento entre 1998 e 2001. Não será necessário entrar na Justiça para aumentar o benefício

O GLOBO
oglobo.com.br
CADERNO ESPECIAL

Cadê o plano de emergência?
Tragédias das chuvas no Rio se repetem há 40 anos e poder público não consegue reagir

Novo dia sem sol: Varadão e alagado
Fotografias mantêm o ritmo de notícias

Letras são aliadas por morte em encostas

Jornal da Tarde
SP está cada vez mais preparada para as chuvas

Tempestades de verão alagou 125 pontos na capital e matou 14 pessoas no Estado, mas, como ocorreu há 24 anos, Prefeitura diz que faz tudo certo e culpa a natureza pela inundação

Menos a Marginal...

RISCO DE TRAGÉDIA NA SERRA JÁ ERA PREVISTO EM ESTUDO DE 2005

Há seis anos, pelo menos 20 mil pessoas já tinham em mãos de estudo de risco de deslizamento de terra em áreas de risco de deslizamento, mas a Prefeitura não tomou nenhuma medida para evitar a tragédia. O estudo foi feito em 2005, mas a Prefeitura não tomou nenhuma medida para evitar a tragédia.

Camila Pitanga e Lizero foram em 'Insensato Coração'
+ NOVA TV TOP

Professor do estado vai ter bonificação proporcional a cada unidade onde dá aula
PRIMEIRO SEMESTRE DE 2019

O TEMPO
como os feios conselhos

Chuva põe BH em estado de emergência até domingo
Cristiano Machado alagado e ficou parado por 12 horas; pedido come e risco de cair no Guatuzet

Indústria de MG vai para o lugar no país

Almadarias: P308 pede explicação por escrito

CartaCapital
POLÍTICA, ECONOMIA E CULTURA
cartacapital.com.br

ENCARTE DUPLA CartaVerde abriga edição especial da Green Futures

Diário do Pa...
Bom dia! Bom dia! Bom dia!
Papoão põe um pé na grande final

FORTE CHUVA CASTIGA BELÉM

Não culpem os céus
quase 200 mortos e 14 mil desalojados em área de risco das autoridades

Imagens que querem fixar nuvens?

Cap.2

Talvez controlar o clima seja um dos maiores desejos do homem – que, inquieto com tamanha imprevisibilidade e falta de domínio sobre o tempo, busca maneiras e instrumentos para torná-lo um pouco *mais conhecido e prenunciado*, um pouco *menos instável*. Desde épocas remotas que os homens observam as forças caóticas da natureza e procuram compreendê-las, buscam explicações para as influências dos astros nos fluxos marítimos e atmosféricos, investigam as conexões entre os diferentes elementos climáticos... Quanta vontade de ordenar a desordem... Quanto receio do incontrolável! E o curioso e temeroso homem não parou de criar objetos para tentar entender o clima e mensurar as forças da natureza – inventou artefatos para medir os fluxos; nomes para classificar e índices para estimar; dados para gerenciar; imagens para revelar, acompanhar e registrar... Imagens, muitas imagens.

Imagens que *representam* os corpos da natureza? Fotografias que *imitam* o real? Cenas que correspondem aos fatos? Mas o real é representável? Inquietações como estas em torno da fotografia enquanto representação fiel dos acontecimentos já vêm de longa data, talvez tenham nascido junto com a própria fotografia – a máquina que fez o tempo parar em superfícies-papel, congelou o fugaz e perpetuou memórias... *Será?* Indagações que já povoaram muitos pensamentos-escritas-dissertações-teses-e-livros que procuraram reflexões e respostas sobre a fotografia enquanto possibilidade de representação fidedigna da realidade, *verdade*.

Representar, no sentido clássico, implica conceber uma "imagem" semelhante a um objeto concreto; imagem ou ideia (ou ambas as coisas) de um objeto de conhecimento qualquer, mas que também pode ser tomado, enquanto conceito, como sinônimo de correspondência (SCHÓPKE *apud* CAMELO, 2011, p.11).

A ideia clássica de representação está relacionada à correspondência de um objeto “concreto ou conceitual” a algo que reconhecemos *a priori*. Concepções que têm origem nos pensamentos de Platão sobre o mundo das ideias e o mundo das formas, no qual as

cópias buscariam a identidade verdadeira que corresponderia à essência – aquilo que permanece imutável ao longo do tempo, a “forma pura” e universal das coisas.

Nas leituras de Deleuze (2006), no entanto, o autor apresenta a ideia de representação como um importante problema a ser pensado – que sustenta toda uma lógica de reprodução de um modelo considerado como “verdadeiro” (por correspondência) em detrimento da exclusão do não-verdadeiro. Dicotomias entre verdadeiro ou falso, semelhança ou diferença, que atravessam as políticas de representação e que engrenam padrões sustentados por modelos políticos e morais, e que chegam até os modos de nos relacionarmos com o mundo. *Muros representacionais que querem restringir o nosso olhar para o lado de lá?*

O pensamento representacional é baseado em uma estrutura de reconhecimento – re-conhecimentos; através, por exemplo, da utilização de formas de expressão, como imagens, palavras, sons, que remetem/correspondem à identidade de alguma coisa/objeto/conceito que re-conhecemos e consideramos verdadeiros. Identificações que direcionam nossos pensamentos a significados e sentidos pré-concebidos, paredes de significações que foram edificadas ao longo do tempo e que nos mantêm circunscritos dentro do *com-domínio de representações* concedidas e convencionadas.

Os *com-domínios* são lugares paradoxais, agregam o confinamento e a sensação de liberdade; diferenciação e homogeneização; o privado e o público. Espaços que nos separam do mundo exterior, perigoso e incontrolável; e apaziguam o nosso medo do ameaçador *lado de lá* dos muros e das portarias com vigilantes 24 horas – que nos mantêm observados e seguros. E ficamos satisfeitos e felizes “dentro das nossas celas”? (ODA, 2011) *Com medo da liberdade?* Separamos, assim, o nosso mundinho pessoal de tantos outros mundos que possam existir fora dos imponentes muros e cercas elétricas.

Os *com-domínios* seguem regras, convenções e restrições elaboradas pelos poderes que operam e mantêm a ordem vigente dentro daqueles muros; que sob olhares e câmeras dos mesmos vigilantes que observam a possível entrada de estranhos no condomínio, também

observam os próprios moradores para garantir que estão seguindo as normas e condutas delimitadas para aquele espaço. Os *com-domínios* têm áreas comuns e pré-programadas de lazer, onde os moradores podem compartilhar, com seus semelhantes-sociais, momentos de confraternização. Assim, os moradores em contato com seus *semelhantes* se sentem mais confortáveis e um pouco menos isolados dentro da redoma que os separa das pessoas e coisas *estranhas* de fora do *com-domínio*.

Dentro deste *com-domínio* de *representações* sentimo-nos seguros e protegidos dos *estranhos*, do caos e do descontrole. Permanecemos nos territórios conhecidos e confortáveis; nas zonas em que *re-conhecemos* os significados e compreendemos os sentidos representados – que foram convencionados socialmente e perpetuados ao longo das história. “Homem-indivíduo que pensa que domina os sentidos das coisas, mas é dominado por eles; preso em uma cadeia de representações que lhe limita ao mesmo tempo que lhe fornece a ilusão de controle. Por isso ele não quer escapar e sente-se bastante confortável em sua cela” (ODA, 2011, p.55).

Esse caos não age apenas nas coisas do mundo, mas na visão que possuímos delas. Sempre que nos deparamos com algo novo, desconhecido, que não conseguimos reconhecer ou significar de imediato, somos tomados pelo caos. O homem, em sua desesperada vontade de controlar todas as coisas, desconforta-se quando algo lhe foge desse controle (ODA, 2011, p.54).

A ideia de *com-domínio* que exponho aqui está relacionada às políticas representacionais das imagens e palavras que, com frequência, seguem padrões considerados normais e aceitáveis, dentro de uma lógica de domínios e modelos baseados na rápida re-cognição, na busca por verdade. Os conteúdos *estranhos* que não *re-conhecemos* dentro dos espaços em que vivemos, nos *com-domínios*, são então considerados ameaçadores à ordem vigente, são conteúdos que poderiam incomodar/ desestabilizar as normalidades.

Para Deleuze, o modelo representacional, por se prender à reconhecimento direta, simplifica as possibilidades de significações e tende a reduzir as singularidades e complexidades das coisas e do mundo às representações e sentidos dados. Assim, reduz também as potencialidades criadoras do pensamento, a sua força de ação e invenção que se abre ao encontro com outras intensidades que desestabilizam o próprio pensamento estagnado. “A criação é a gênese do ato de pensar no próprio pensamento. Ora, essa gênese implica alguma coisa que violenta o pensamento, que o tire de seu natural estupor, de suas possibilidades apenas abstratas” (DELEUZE, 2006, p.91).

As representações seriam tentativas de aproximações por correspondência como algo convencionalizado culturalmente como existente e verdadeiro; mas que, para Eduardo Pellejero (2008), que também pensa com Gilles Deleuze, corresponderiam a uma grande ficção, pois o *real não é representável*. Torna-se, então, verdadeiro enquanto realidade aquilo que era verdadeiro enquanto linguagem, enquanto gesto na cultura, verdadeiro enquanto ficção que busca ter efeito de verdade.

Para Wenceslao Oliveira Júnior, alguns tipos de representações *parecem* trazer para diante de nós o próprio real, “é o caso dos mapas, dos filmes documentários, das fotografias habituais – o artifício (perverso) da palavra – e da ideia de – representação é tornar aquilo que é um gesto cultural (humano, político) na manifestação da realidade por si mesma” (OLIVEIRA JR, 2011, p.1).

Nas *fotografias* que habitualmente circulam nas mídias associadas às mudanças climáticas, há uma grande tendência em representar o clima e suas alterações por meio de imagens que querem criar a impressão de verdade dos fatos, como algo que “realmente” aconteceu (como nas imagens de desastre naturais) ou poderá acontecer (como em imagens de satélite da previsão do tempo). São fotografias que priorizam a rápida reconhecimento por meio de suas características de evidência e semelhança diante dos acontecimentos *vividos*, e que costumam vir povoadas por *clichês* que exibem o sentido como algo que já está dado na/pela imagem. Ferraz (2009), em seus estudos sobre imagens e clichês, argumenta que os clichês reduzem as potencialidades das imagens já

que “a singularidade de cada ser ou situação é achatada, laminada, uma vez remetida aos sentidos dados, disponíveis e socialmente partilhados, que emprestam familiaridade à estranheza das coisas” (FERRAZ, 2009, p.1).

Mas por que os clichês são tão utilizados nas representações imagéticas? Quais os efeitos que o uso excessivo e predominante de convenções e clichês promove na divulgação científica? Seria a familiaridade diante de tantas imagens clichês parte deste projeto de segurança garantida pelos muros representacionais de sentidos dados?

No contato com as imagens das mudanças climáticas que circulavam na divulgação científica e nas mídias, encontrava muitas imagens repetidas com cenas de desastres naturais como enchentes, deslizamento de terra, enxurradas... Imagens que possuíam desejos de denúncia e que vinham atreladas a textos e discursos alarmistas sobre uma natureza ameaçadora aos homens, construções que traziam a ideia de dano aliada às consequências ou respostas do meio ambiente às ações humanas.

Muitos discursos climáticos se espalhavam por/com/pelas imagens, sustentados pela ideia consolidada culturalmente de uma natureza “externa” aos homens, um meio ambiente em que não estaríamos totalmente imersos. *Seriam resquícios cartesianos que permanecem solidificados em nossos pensamentos e formas de nos relacionamos com o mundo? A natureza torna-se, então, um objeto “externo” a ser mensurado por observadores “imparciais” de uma ciência pragmática, cuja visão utilitarista em relação ao meio ambiente transforma a natureza em algo a ser controlado e usufruído como recursos naturais disponíveis aos homens. Discursos estes que engrenam e legitimam políticas, comunicações e práticas sociais?*

Bruno Latour (2004) problematiza essas separações existentes entre natureza e cultura em polos distintos; de um lado estaria a natureza – o conjunto de seres vivos diferentes dos homens; e do outro lado estariam os homens – a vida social, a cultura. Demarcações que sustentam divisões entre sujeito e mundo, observador e objeto, e que estabelecem políticas e formas de habitar e se relacionar com o mundo. Para Latour, “nem natureza

nem sociedade são puras, assim como não estão previamente dadas. Ambas são resultados das trocas de propriedades entre elementos humanos e elementos não-humanos” (LATOURE *apud* MELO, 2008, p.262). Essas trocas estariam a todo momento gerando novos laços sociais e redefinindo natureza e sociedade, produzindo híbridos, indefinidamente, que formariam a noção de *naturezas*.

Concepções de *naturezas singulares, trocas e interconexões constantes* pouco aparecem nos materiais sobre o clima; ocorrendo com frequência imagens e discursos clichês em torno de uma ideia de natureza expressa como um objeto científico a ser calculado (previsões da meteorologia); como uma agrura que pode causar danos à vida dos homens (cenários de desastres naturais); com imagens que chegavam com explicações que reduziam a complexidade do assunto a simplificações didatizantes; e a busca por causadores das mudanças (como imagens de poluição de fábricas e carros, desmatamento).

As representações fotográficas enquanto evidência e prova, presentes nas investidas das políticas imagéticas sobre as mudanças climáticas, aparecem marcadas por dicotomias, alarmismos, moralismos, cientificismos. Imagens e discursos que são construídos e estabelecidos com muitas oposições e que se tornam problemas a serem pensados, atravessam campos distintos do conhecimento, como a ecologia, as ciências, as políticas, as comunicações, a divulgação científica, a educação, e chegam até os modos de nos relacionarmos com o mundo.

Imagens-escritas entranhadas de clichês que convocam tempos de um pensar marcados pelas oposições entre real-ficção, verdadeiro-falso, certo-errado, denúncia-propaganda, medo-aceitação, ciências-culturas, passado-futuro e incitavam julgamentos morais (bem e mal) (DIAS, 2012, p.5).

No contato com as imagens fotográficas das mudanças do clima, encontram-se muitas repetições (*imagens como cartas marcadas*) que aprisionam os sentidos em domínios de representações de imagens extremamente clichês. *Como seria possível*

escapar desses muros? Como pensar/pesquisar em torno das imagem enquanto *potência de vida* diante de tantas tentativas de fixações e delimitações de sentidos que encontrava nas imagens sobre o clima e suas mudanças?

Os clichês são potentes dentro do funcionamento das políticas imagéticas presentes nas mídias, que se utilizam de imagens de rápida reconhecimento – que representam o vivido como prova de que algo aconteceu, registro e documentação; imagens-clichês que ocupam os discursos relacionadas às denúncias e explicações. Mas ao pensar a imagem enquanto *potência de vida e proliferação* nessas imagens representacionais do clima, poderiam pulsar outras intensidades para além dos desejos de verdade e registro presentes das políticas imagéticas dominantes? O que podem essas imagens clichês? Essas imagens poderiam criar novas cartografias e outras formas de existir? Como pensá-las/experimentá-las enquanto movimento e proliferação?

Como proliferar pensamentos e sensações diante de tantas representações clichês? A resposta a esta pergunta-problema coloca em jogo o desafio de perceber outras possibilidades de pensamento frente às investidas repetitivas em torno das imagens do clima, quando não há mais o que dizer, quando tais imagens não movimentam o pensamento. *Como jogar um jogo com cartas marcadas? Destruir os clichês?* Nas leituras de Deleuze (1999), o filósofo expõe que a ânsia pela solução de um problema provocaria a redução da liberdade de pensamento, uma vez que ele fica subordinado à busca por uma solução, e cria-se uma “espécie de escravidão”. Para Deleuze, então, mais que buscar resolver um problema, seria preciso procurar encontrar um problema – e isto implica não simplesmente descobri-lo, mas *inventá-lo*. “A descoberta incide sobre o que já existe, atualmente ou virtualmente; portanto, cedo ou tarde ela seguramente vem. A invenção dá o ser ao que não era, podendo nunca ter vindo” (DELEUZE, 1999, p.9).

A força de invenção desse problema se daria, então, como impulso de vida e criação; uma vida que não pede por solução ($2+2 \neq 4$), mas se reinventa a todo instante, gerando outras formas de (re)existir. E o som de Paulinho da Viola movimentava esta pesquisa-que-se-

quer-viva-também: “não é preciso buscar solução para a vida; ela não é uma equação – não pode ser resolvida. A vida, portanto, meu caro, não tem solução”.

Rejeitar os clichês mostrou-se como um modo de aprisionamento tanto quanto aderir a eles (*afinal, não seria clichê recusar os clichês?*). Os clichês estão por toda a parte, vivemos em uma sociedade clichê e não seria possível simplesmente negá-los. *Não daria, nem se quisesse...* Teria que inventar outras possibilidades que emergissem desde dentro deles, intensidades que escapassem por meio e *entre* eles, lançando-os a movimentos *outros* que se afirmam como potências de vida, como forças políticas e poéticas que *jogam* com os sentidos dados e determinados para experimentar encontros que ainda estão por vir, devires. (Re)existências como forças de resistência aos modelos estabelecidos.

Uma resistência que seja um ato positivo, de criação, afirmativo. Afirmativo da vida: resistência como (re) existência. Resistência como constante movimento de afirmar a vida que nos está sendo constantemente subtraída (ASPIS *apud* GONÇALVES, 2011, p.33).

Re(existências) que acontecem por invenções e experimentações que procuram por brechas para que o ar possa circular desde dentro desses corpos-imagéticos-clichês. E as ideias de Deleuze (2007) ressoam em minha mente: para sairmos dos clichês, precisamos estar dentro deles, ao invés de travar uma luta *contra* os clichês, fazer uma luta *com* os clichês; e Manoel de Barros ecoa pelo vento: repetir, repetir, até ficar diferente (BARROS, 2009).

Vida e tempo

Cap.3

Ventos que lançaram esta pesquisa a encontros improváveis *entre* orientanda, orientadora, colegas do grupo de pesquisa e alunas do ensino médio (*PICJr*⁴), de onde nasceu o projeto de extensão “*Vida e tempo em proliferação – experimentações na divulgação científica das mudanças climáticas*”⁵ (Faepex/Unicamp). Inspirados por leituras de filósofos pós-estruturalistas e por aproximações entre ciência, comunicação, arte e literatura; aventuramo-nos a pensar/pesquisar/experimentar em torno das imagens das mudanças climáticas que circulavam na divulgação científica, bem como explorar as relações e intensidades que essas imagens movimentavam e proliferavam através do contato com o público⁶.

Depois de muitas conversas, leituras e observações acerca das imagens das mudanças climáticas que apareciam em jornais, revistas, internet, materiais de divulgação de grupos de pesquisas climáticas; escolhemos focalizar as nossas pesquisas e experimentações em torno dos conceitos-intensidades *vida e tempo*, considerando-os como forças marcantes nas investidas das imagens e dos dizeres sobre o clima.

Ao mergulharmos nessas imagens do clima, observamos como as ideias de “prever o tempo futuro” e “conservar a vida” estavam, fortemente, presentes nos discursos da divulgação científica; atreladas às imagens e dizeres alarmistas e moralistas. Um *jogo* que se estabelece por entre políticas, ciências, economias, divulgações científicas,

⁴ As alunas do ensino médio faziam parte do Programa de Iniciação Científica Júnior, da Unicamp – com o projeto “Multidão em transe: experimentações em divulgação científica e cultural” que integrou as atividades do Grupo de Pesquisa “multiTÃO: prolifer-artes subvertendo ciências, educações e comunicações” (CNPq).

⁵ Participam das atividades do projeto: Thiago La Torre (artista visual, formado pelo Instituto de Artes da Unicamp), Fernanda Pestanta (mestranda em Divulgação Científica e Cultural Labjor/ Unicamp), Tainá de Luccas (mestranda em Divulgação Científica e Cultural Labjor/ Unicamp), Juliano Sanches (mestrando em Divulgação Científica e Cultural Labjor/ Unicamp), Elena Manbrini de Oliveira (da E. E. Prof. Antonio Alves Aranha e bolsista PICJr), Fernanda Silva Avelar (da E. E. Escritora Rachel De Queiroz e bolsista PICJr), Helen Caroline Da Silva Camillo (da E. E. Guido Segalho e bolsista PICJr), Tainá Cristine Chicão (da E. E. Adoniram Barbosa e bolsista PICJr), Mariana Barbosa (da E. E. Prof. Israel Schoba e bolsista PICJr), Luana Lopes (graduanda em antropologia do IFCH-Unicamp), Alessandra Penha (Doutora em biologia vegetal IB-Unicamp, professora do Centro de Ciências Agrárias, UFSCar, campus Araras) e Susana Oliveira Dias (pesquisadora do Labjor-Unicamp, doutora em conhecimento, linguagem e arte pela FE-Unicamp e líder do Grupo de Pesquisa “multiTÃO: prolifer-artes subvertendo ciências e educações” (CNPq).

⁶ Elaboramos uma série de atividades e artefatos que pudessem proporcionar o contato entre os participantes/pesquisadores do nosso projeto e o público – algumas dessas atividades foram realizadas com a participação de estudantes e professores de escolas públicas da região de Campinas.

comunicações; um *jogo com cartas marcadas* de como devemos agir e nos posicionar no mundo frente às possíveis mudanças do clima. *Cartas* que nos são apresentadas sob a forma de *corpos imagens, palavras, sons, objetos*, que incitam a formas de *habitar o mundo* engrenadas por políticas que procuram soluções sistemáticas para *problemas comuns*, que, no caso do clima, estariam relacionados à conservação da *vida*, à constante vigilância do *tempo*, a busca por previsibilidade e controle.

Mas como antever o tempo, um sistema caótico, que carrega a imprevisibilidade intrínseca às suas projeções? Como ordenar, conservar e planejar a vida, se ela agrega em si o ruído, a perturbação e a mudança? Se a vida é atravessada por intensidades efêmeras em constante devir e *é algo que não pode ser contido* (GODOY, 2008)? Questionamentos que movimentaram com intensidade nossos pensamentos e conversas durante os encontros do projeto e convidaram-nos a leituras e experimentações distintas.

Ana Godoy (2008), em seu livro *A menor das ecologias* apresenta a relação entre uma ecologia que produz vida, que corresponderia a uma forma *maior* que busca referir a vida que precisa ser conservada como um padrão dominante e por isso se enrijece e torna-se totalizadora e sistemática; e uma ecologia *menor*, na qual a vida produziria ecologias e estaria ligada ao *movimento* e *ao devir*, à potência de experimentar e inventar novas possibilidades.

A *ecologia maior* procura a segurança e está alicerçada na manutenção do corpo do Estado, através da valorização e conservação dos corpos da terra e do indivíduo; sustentada por uma lógica que se afirma como verdade e quer organizar e estabilizar as nossas ações, criando modelos “ideais” para agirmos no mundo. Utiliza-se, assim, de juízos de valores atrelados a comportamentos “corretos” em detrimento de ações “desviantes”; práticas que são estimuladas pelo medo e o desejo de controle sobre os corpos da natureza, investidas presentes nas imagens e dizeres sobre o clima.

Mas que ecologia é essa que visa disciplinar, moldar, reduzir a vida a normas e clichês? Vida que se enrijece e se torna sistemática e totalizadora para ser mantida? *A ecologia*

maior corresponde a um modo de se relacionar com o mundo e com as coisas que, segundo Godoy, precisa ser problematizado, uma vez que a vida quer mais do que pedir e se distender por sua conservação. “Não há negação de uma ciência da conservação (...) Não se quer, todavia, seus efeitos universalizantes, os quais, ao manterem a vida mais ou menos como um animal no jardim zoológico, separam-na daquilo que ela pode” (GODOY, 2008, p.22,23).

Não se trata, então, de apenas negar a ecologia *maior* e suas práticas políticas de conservação, mas questioná-las e tensioná-las enquanto discursos que se querem únicos e verdadeiros, procurando por abalos nestas práticas e condutas enrijecidas. Godoy apresenta o conceito de *ecologia menor* na qual a *vida* produziria ecologias, a ideia de *menor* que a autora trabalha é inspirada nos estudos de Deleuze e Guattari sobre a obra de Kafka, e não estaria ligada à ecologia produzida por grupos minoritários ou alternativos, nem à inclusão desses grupos dentro de um padrão majoritário, mas corresponderia às “agitações moleculares” que subsistem nas formas majoritárias, onde existiriam outras forças e novas tonalidades que implicariam um processo aberto que aponta para a *potência do devir*.

O pensamento *menor* percebe a ecologia enquanto um *processo* e não como uma *solução* de um problema comum, ele é criado por espaços vazios e *aventuras desterritorializante*, e não se fixa em determinações, modelos ou limites, mas acontece como uma reticência, uma suspensão do sentido que escapa ao controle. Assim, a vida produz ecologias desviantes onde *as referências são fluidas, os pensamentos são nômades e a experiência é mutável*. “É deste modo que se pode afirmar que a potência minoritária provém do que ela souber inventar, silenciar, e assim, dos ruídos que fizer proliferar, vácuos de solidão e silêncio a partir dos quais se teria, enfim, algo a dizer” (DELEUZE *apud* GODOY, 2008, p.61).

Se o conceito de menor afirma uma potência, não é definível por si mesmo e, portanto, há que se compor com ele, conectando-o a outros conceitos e noções, há que se trabalhar entre eles e com eles, mas nunca

sobre ele, a não ser que se queira fazer história... Ora, trata-se de experimentar outros arranjos, inventando outras maquinações, que possibilitem levar os conceitos e as noções ao máximo de sua potência; por isso, eles não podem ser aplicados como curativo para um pensamento enfermo, por meio de uma simples transposição sem que se dê um abalo ou transformação (GODOY, 2008, p.59).

Embora exponha ecologias distintas, Godoy procura escapar da lógica de oposições que poderiam acontecer entre a ecologia *maior* e a *menor*, para procurar por forças que estariam nas aproximações entre essas ecologias, nas tensões que poderiam gerar desequilíbrios, outros arranjos – devires. Ao trabalharmos com esta e outras leituras integradas às imagens das mudanças climáticas que encontrávamos na divulgação científica, questionávamos se poderia haver outras possibilidades de aproximação com esses materiais que pudessem criar abalos/respiros diante de tantas repetições e padronizações; frestas para que algo distinto pudesse emergir desde dentro dessas imagens do clima; forças *menores* que pudessem *desacomodar e movimentar* os nossos pensamentos e pesquisas.

Será que as imagens clichês do clima teriam forças para se desprenderem dos discursos que aprisionam suas significações a sentidos dados? *Que vida e tempo pulsam dessas imagens?* Pergunta que nos levava a todo instante a pensar e experimentar com as imagens do clima; não buscávamos respostas precisas, mas sim espaços abertos de pensamentos, reticências, suspensões, deslizos... Intensidades “que se deixam esgotar pela vida ao invés de desejar esgotá-la” (PESTANA; LUCCAS; DIAS 2013, p.6).

Vida que não remete apenas à vida orgânica; relaciona-se com ela, mas escapa, inventa outras possibilidades de existência. Extrapola o conceito de vida, “vida para além da maquinaria” (GONÇALVES, 2011, p.72); busca resistir às tentativas de aprisionamento e se reinventar constantemente. Procurávamos por potências de vidas que proliferam intensidades que não demarcam começo ou fim, mas que acontecem em movimentações constantes, em outras *temporalidades*.

Tempos que ultrapassam a linearidade cronológica, ligada ao *corpóreo* (muito presente nas imagens das mudanças do clima), para encontrar *outros* tempos que se abrem à invenção, *ao incorpóreo*, um tempo que não pode ser previsto *a priori* e que se lança a devires, turbilhões de tempos fora do eixo; um *tempo de criação*. “Um tempo liberado da tirania do presente que antes o envergava, e disponível, doravante, às mais excêntricas aventuras” (PELBART, 2000, p.177).

Não se trata de procurar a vida e o tempo *na* imagem, representados *nas* fotografias, mas sim a vida e o tempo *da* imagem, que a imagem é capaz de gerar, de inventar. (...) Uma vida e um tempo *da* imagem marcados pela mutabilidade e dinamismo, capazes de criar mundos dentro dos mundos. Perceber é agir e reagir com as outras imagens do mundo. O intervalo entre a ação e reação corresponde ao tempo de ser afetado pelas imagens, é onde se dá a criação da novidade (ALENCAR, 2003, p.4, 5).

Aventuras por entre vidas e tempos das/pelas/com/por imagens que nos movimentam, afetam e proliferam; imagens que convidam a olhares, toques, intervenções; não apenas a um observar passivo para ver o que está fora, mas a participar do observado num só movimento gerativo. Encontros potentes *entre* imagens, público, pesquisadores, leituras, sensações, afetos... *Corpos e forças*, intensidades que pediam passagem a todo instante. E como descobrir que matérias de expressão, misturadas a quais outras, que composições de linguagem favorecem a passagem dessas intensidades? (ROLNIK, 2007, p.66).

Em nossos olhares e mãos reunimos imagens das mudanças climáticas que selecionamos de diversos materiais de divulgação científica, conteúdos que nos proporcionaram pensamentos e conversas diversas em torno das políticas que envolviam essas imagens, as representações, os clichês, as tentativas de fixação de sentidos e significados que observávamos. Encontrávamos muitas imagens que apareciam como *cartas marcadas* de um jogo que parecia *dado* em relação aos dizeres sobre o tempo, o clima, a vida... E inundados por tantos excessos, decidimos *jogar*.

Apostamos na criação de um *jogo de cartas* que simulava um baralho de tarô. *Para prever o tempo futuro? Planejar a vida? “Como será o amanhã? responda quem puder⁷...”*. Um jogo de cartas com imagens que foram recortadas de matérias de divulgação científica sobre as mudanças do clima, onde deslocamos essas fotografias dos seus *territórios* de origem (jornais, revistas, internet), para libertá-las das legendas e textos que explicavam e direcionavam seus significados dentro das notícias e reportagens sobre as mudanças climáticas. Pretendíamos, assim, convidar essas imagens a *outros encontros* que pudessem ser estabelecidos *fora* desses territórios delimitados por legendas e guiados por descrições textuais dadas.

As imagens teriam força para escapar dos textos que direcionam seus significados e fixam seus sentidos? Será que os sentidos já estariam colados às imagens? Será que poderiam acontecer outras proliferações para além dos textos que as descrevem? O que podem essas imagens?

Uma imagem tirada do seu contexto conseguiria desprender o pensamento de suas demarcações? Recortada, desprovida de seus textos, gráficos e legendas fixantes de sentidos, teria forças para movimentar outras possibilidades de pensamentos e sensações? E em meio a muitas dúvidas, decidimos lançar essas imagens a novas aventuras, “não se sabe de antemão aonde se vai chegar, tampouco quais encontros se darão pelo caminho” (GODOY, 2008, p.52). Procurávamos abandonar essas imagens da terra-firme dos enunciados e textos das mídias e da divulgação científica e *jogá-las* ao mar, deixá-las à *deriva*, para balançarem e desestabilizarem os desejos de registros, provas e verdades tão arraigados nessas imagens do clima. *Derivar*, para *desterrar o pensamento do solo das certezas* dos sistemas de codificação que o aprisionam, *derivando-as* das referências dadas, para experimentarem outros encontros e desencontros.

De maneira que o pensamento que abandona as certezas, a terra firme (o continente), é aquele que se lança num tempo que flutua um espaço liso – Argos sobre o oceano –, e que faz como encenação de um novo

⁷ Trecho da música *O amanhã*, de João Sérgio.

espetáculo. Mas dançar sobre o oceano tem como exigência permanecer leve e ágil, sem sucumbir ao peso da interioridade (GODOY, 2008, p. 48, 49).

Jogar para penetrar nas imagens clichês e ver o que pulsa lá de dentro; outras vidas e tempos? “O jogo se daria, principalmente, pela habilidade de se jogar com o que é determinado” (p.33), e dessas *cartas marcadas* criar outras possibilidades de existência. (Re)existência, diferenças que vazam da repetição; re(existir) em existir (APIS *apud* GONÇALVES, 2011, p.33).

Imagens que se lançam a encontros improváveis com o público, um movimento que se estabelece como uma aposta política do nosso grupo em pensar/experimentar a pesquisa através de aproximações entre a divulgação científica, a educação, a ciência, a arte, a comunicação, *e...* Encontros que não buscavam demarcações, mas embaralhamento das fronteiras dessas formas distintas de produção do conhecimento; possibilidades de disjunções (sem homogeneização ou totalização) que pudessem movimentar nossos pensamentos por entre as imagens das mudanças climáticas e a multiplicidade de intensidades que poderiam proliferar a partir dessas aproximações.

Imagens que jogam com tempos (im)previsíveis e vidas (in)controláveis. Imagens que jogam e gingam? Como em um jogo de capoeira, ora lento e observador; ora rápido e vigoroso; ora o som dos tambores, ora apenas o barulho da respiração intensa. Durante a ginga pode-se atacar, esquivar, contra-atacar, desviar, inventar uma nova ação; porém sempre mantendo o *movimento*, que é o que dá vida ao jogo. *Jogam as imagens? Gingam os clichês? Movimentam as imagens-clichês?*

Se no início talvez quiséssemos negar as imagens clichês, o fracasso desta investida tornou vital a busca por tensões/desequilíbrios, outras potencialidades que pudessem emergir desde lá de dentro; movimentos que acontecem pelas/com/por imagens. Um *jogo que ginga* e movimenta para liberar a *vida* que está sendo reduzida pelos padrões,

modelos e moralismos. Vida que não quer ser contida e que se reinventa constantemente, *experimenta e cria*.

É essa afinidade entre pensamento e vida que lança na direção da experimentação e da invenção de si mesmo e do mundo – uma potência da vida e que, portanto, não só já não reconhece os limites entre arte e vida como também desfaz as fronteiras que separam a vida e o conhecimento de uma atividade criadora (GODOY, 2008, p.122).

Buscávamos *experimentar* aproximações com a arte como uma maneira de dar a ver possibilidades de expressões distintas para as intensidades que pedem passagem e assim poder inventar outras cartografias a partir e desde dentro das imagens clichês. “A arte, como força, pode nos lançar em experiências vitais, capazes de criar aberturas e conexões imprevisíveis com outras forças do mundo” (AMORIM; MARQUES; DIAS, 2012, p.9). Desejávamos penetrar por *entre* fotografias do clima e deixar-nos afetar também por elas; molhar, secar, inundar, balançar, desorientar nossos pensamentos pela potência da força do *furacão*. *Habitar* o mundo dessas imagens para *nos movimentar e movimentarmos*.

Elaboramos-experimentamos a criação de uma instalação artística itinerante chamada *furacão*⁸ – que nos lançou a um turbilhão de ideias/pensamentos... Desejávamos extrair do furacão – a *potência* (uma que força que “é”, movimenta, e não depende de seu resultado), buscávamos também as intensidades da desordem, da imprevisibilidade, do caos criativo. Assim, preparamos um ambiente de múltiplas conexões sensoriais que pudesse tensionar as nossas referências imagéticas dadas sobre as mudanças climáticas, onde as *cartas imagéticas* se perdessem em meio a um furacão de palavras, sons e cores, e pudessem proliferar intensidades outras.

⁸ Criamos a instalação *furacão* que integrava as cartas do jogo de tarô (as imagens recortadas de revistas, jornais, internet) a outros elementos, como a exibição/projeção de vídeos e sons. Essas projeções se movimentavam conforme o público entrava em contato com as cartas imagéticas. Durante a interação com o público perguntávamos: que vida e tempo pulsam dessas imagens? As respostas das pessoas poderiam ser escritas, gravadas, desenhadas, expressas de diversas maneiras. Essas interações/produções do público foram inseridas nas montagens das instalações seguintes. A instalação foi montada em diferentes locais, como eventos científicos, escolas, instituições de pesquisa etc.

Para compor o ambiente da instalação, colocamos espalhadas pelo chão imagens de capas de revistas que traziam cenas e notícias das mudanças climáticas, a ideia era criar tensões entre os discursos climáticos clichês em torno da busca de controle sobre o tempo, dos alarmismos e moralismos; e os elementos *imprevisíveis* de tempos incertos que pulsavam em meio às movimentações do furacão de palavras, imagens e sons⁹. Tensões entre o dado e o não dado; o tempo previsto e o imprevisível; o controle e o descontrole; forças que movimentavam e desacomodavam os nossos pensamentos-pesquisas-experimentações para além e aquém dessas oposições.

Trazer o clichê das capas de revistas junto aos outros elementos que tensionavam essas referências imagéticas fez-nos aproximar das ideias de Deleuze e Guattari (1997) em relação à concepção do *plano*. Para os dois autores, o *plano* se compõe de planos distintos – um que organiza, cria estratos, molduras, funções que corresponderiam ao *plano de organização*. O outro plano – o da *composição*, por sua vez, está a todo momento tensionando a organização do primeiro, com forças caóticas que desestabilizam, deslizam as formas, os estratos. Para que o *plano* possa existir, no entanto, ele precisa dessas presenças opostas da organização e da composição; uma luta intensa *entre* forças que acontecem nos embates entre os planos distintos; forças que proliferam *outras* forças, criando devires constantes, movimentações... *Um-devir-outro*.

As capas de revistas com imagens que ilustravam notícias sobre as mudanças climáticas foram espalhadas pelo chão da instalação – *clichês ao chão. E se pisar, o clichê gruda? Escorrega? Desliza? Rasga? Uns* pisavam com força; *outros* evitavam colocar os pés e contornavam seus passos cuidadosamente para desviar-se dos papéis-capas-imagens-ao-chão; *alguns*, no entanto, sequer os percebiam espalhados no chão. Intensidades que atravessam essas imagens pisadas, rejeitadas, observadas, apalpadas, sentidas,

⁹ Os sons utilizados durante a instalação reuniam criações distintas do grupo que agregavam misturas entre elementos e ritmos, como trechos de músicas instrumentais, eletrônicas, *samples* distorcidos, ruídos. Criamos/gravamos também composições sonoras com leituras de partes selecionadas de obras literárias (como Italo Calvino e Nuno Ramos); e trechos de gravações de reportagens sobre as mudanças climáticas que circulavam na mídia (como a voz da jornalista Sonia Bridi).

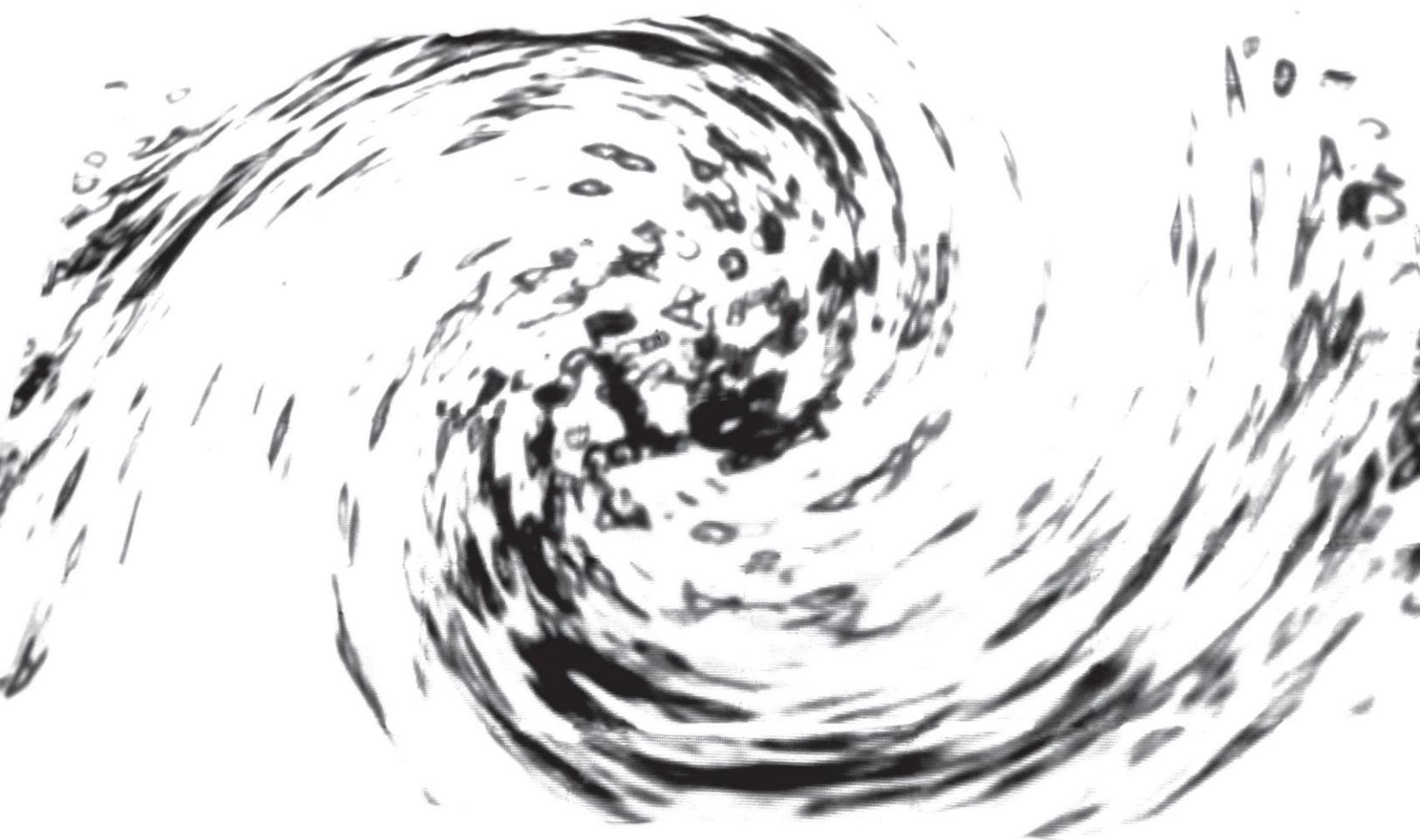
ligeiramente amassadas, em um ambiente a meia-luz, que nos lança a *cenários previstos e imprevistos* em relação ao futuro.

Silêncio-solidão ao vento. No meio da rua habitada, enlouquecido furacão a girar, a esvaziar (...) Jorro, cor, ventania que quer arruinar mundos, provocar desmanches nos corpos das orgânicas palavras, fazendo-as vibrar. Vibr-AR (...) Ritmos. Vento. Tempestade. Movimentos rodopiantes, giros que se compõem no olho. Do furacão. Que fura o chão, fura o coração, furacão, furos são... Manifestar vontades de pensar onde parece não haver pensamentos; nas fendas (...) antes a-significar, esquecer. Pensar é experimentar. (...) O pensamento não termina de terminar (VILELA, 2010, p.289). Pensar não é uma relação de causa e efeito (ANDRADE; ROMAGUERA, 2011, p.4,10).

Furacão para desestabilizar as territorializações das imagens e jogá-las ao acaso dos encontros efêmeros; experimentar outros tempos e vidas que nascem também das aproximações e desaproximações com palavras e sons. “Um tempo em que as palavras não capturam as imagens, em que as imagens não capturam as palavras, submetidas que estão a uma ventania devastadora. Um tempo esvaziado de narrativas, ilustrações, explicações. Que vida pulsa desse furacão de palavras-imagens?” (DIAS, 2011)¹⁰.

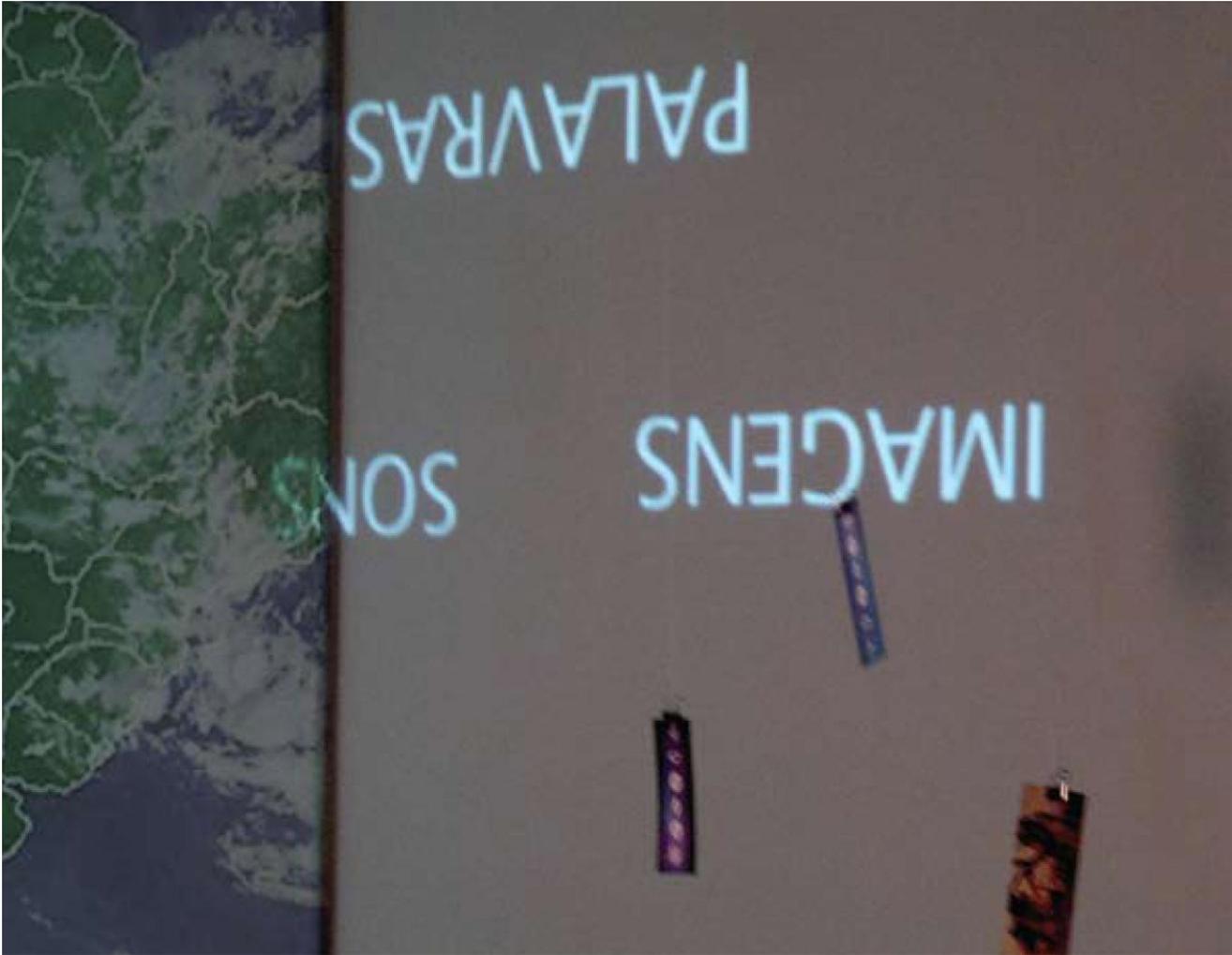
E em meio dessa ventania devastadora, procurávamos por espaços abertos de expressões, criações, pausas, sorrisos, olhares inquietos e curiosos; afetos que surgiam em meio à imprevisibilidade dos encontros. *Corpos* que, em contato com os *corpos* imagens, palavras e sons, criavam outros *corpos-intensidades*. Devires. Intensidades, sensações – “sensações-cor, sensações-luz, sensações-giros, sensações-sons” (ANDRADE; ROMAGUERA, 2011, p.1).

¹⁰ Trecho do texto produzido para a instalação furacão, utilizado durante os eventos do Projeto Vida e tempo, em 2011 e 2012.

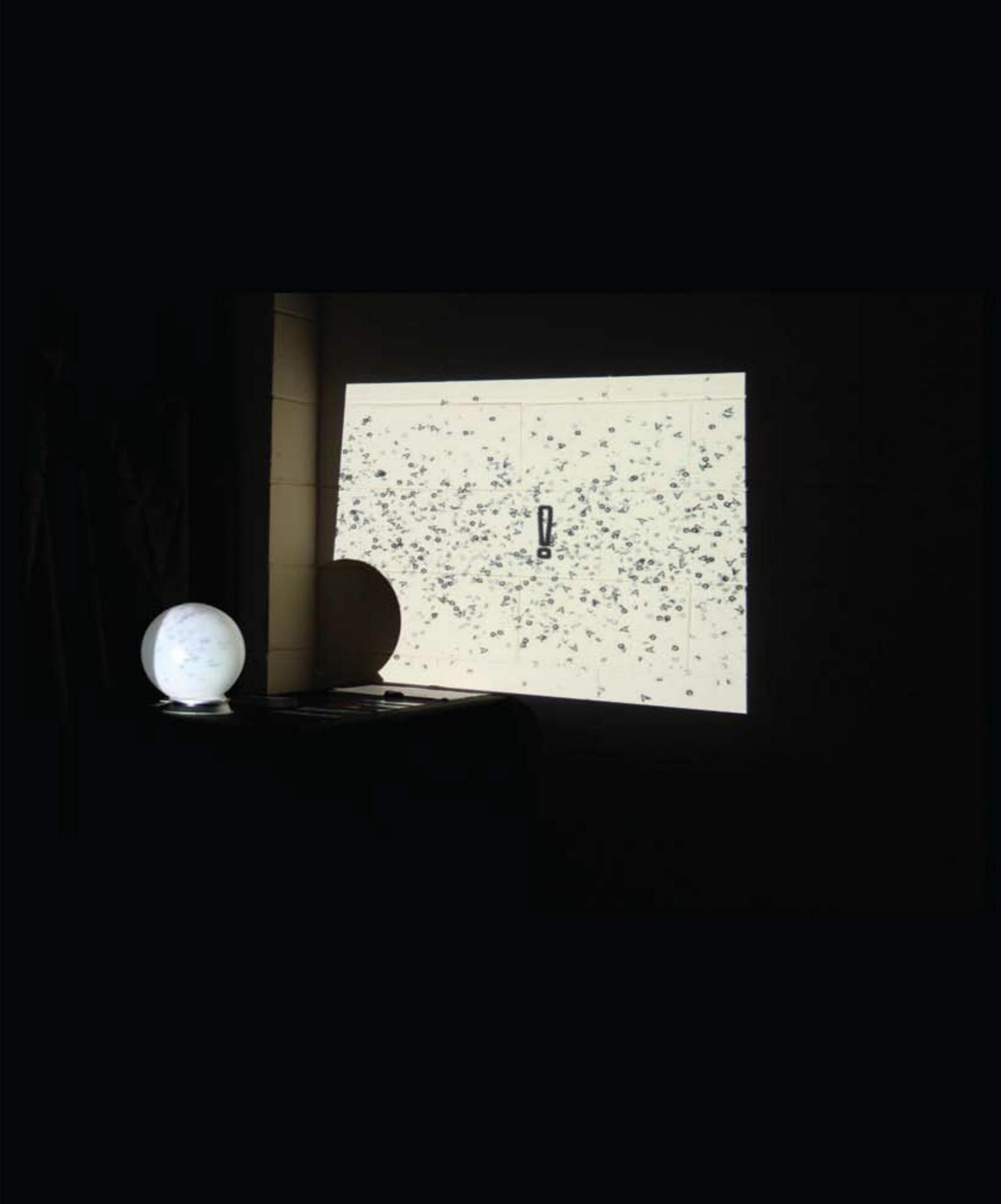












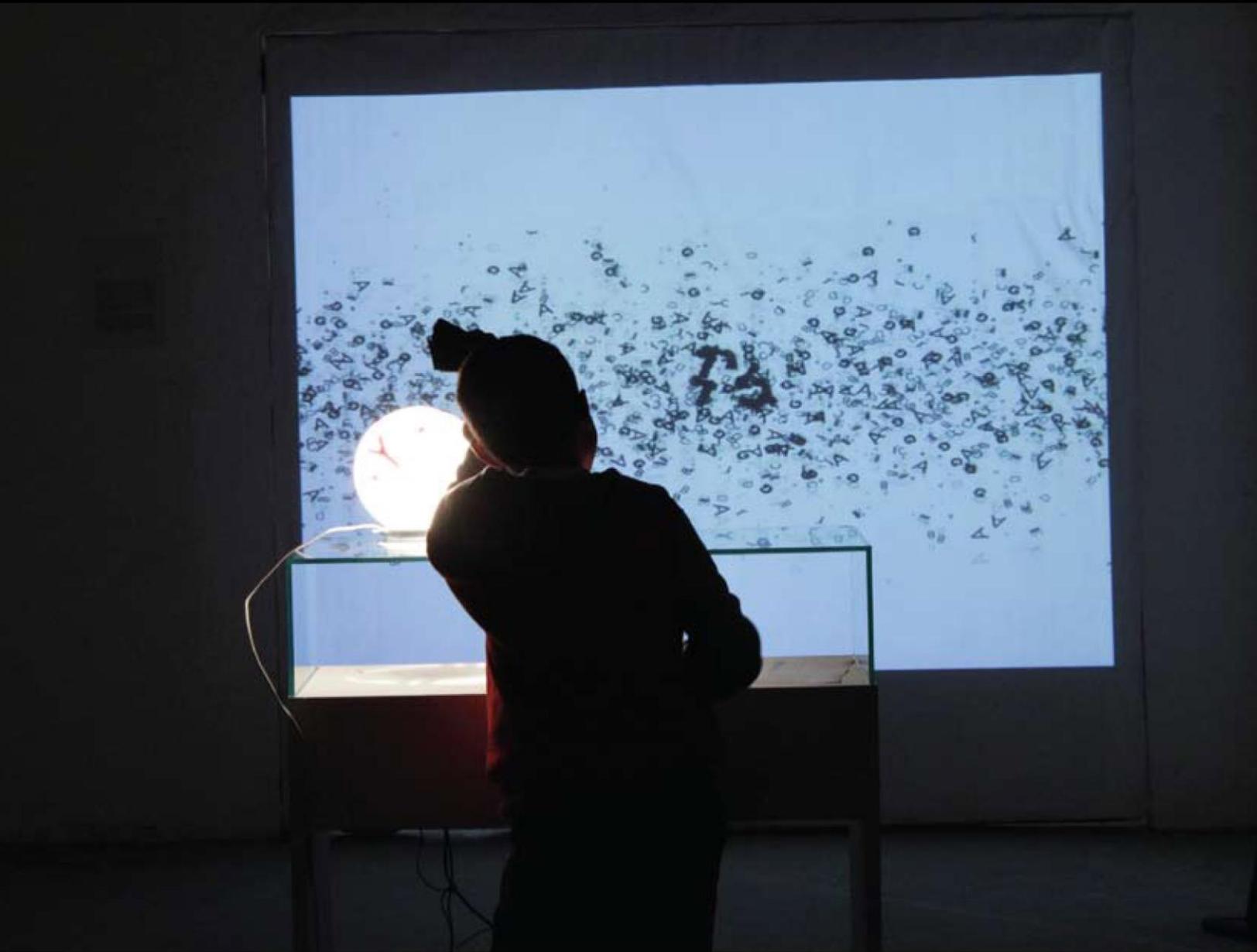


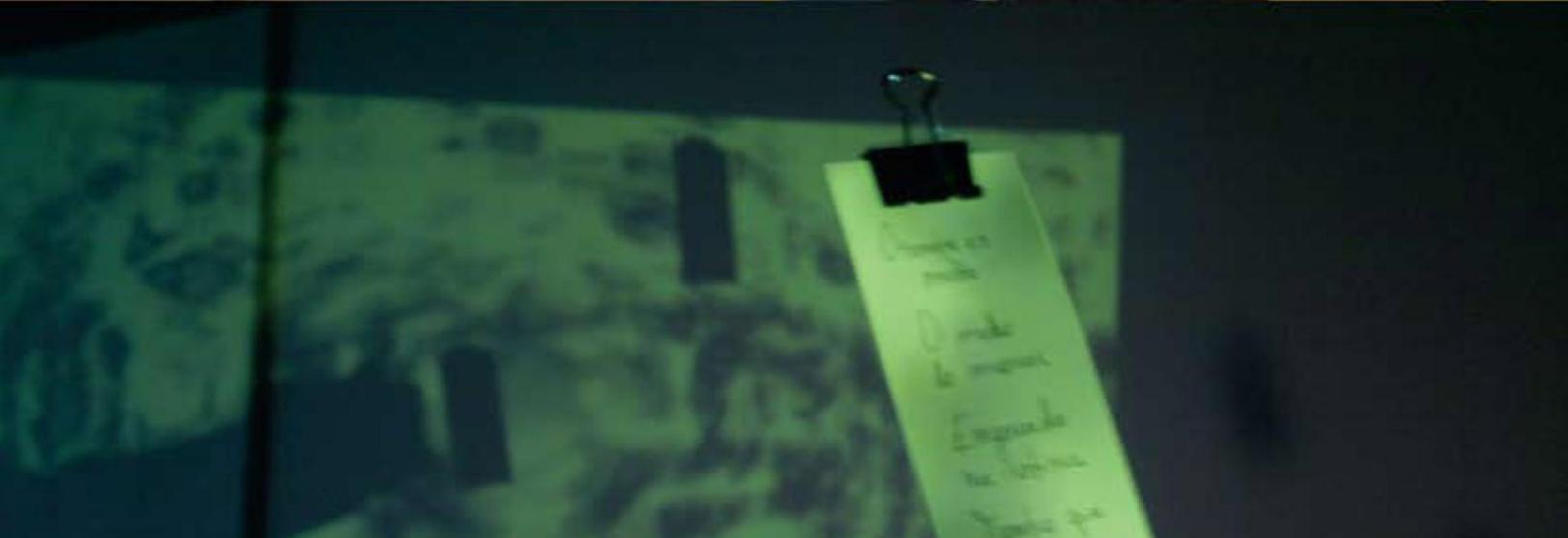












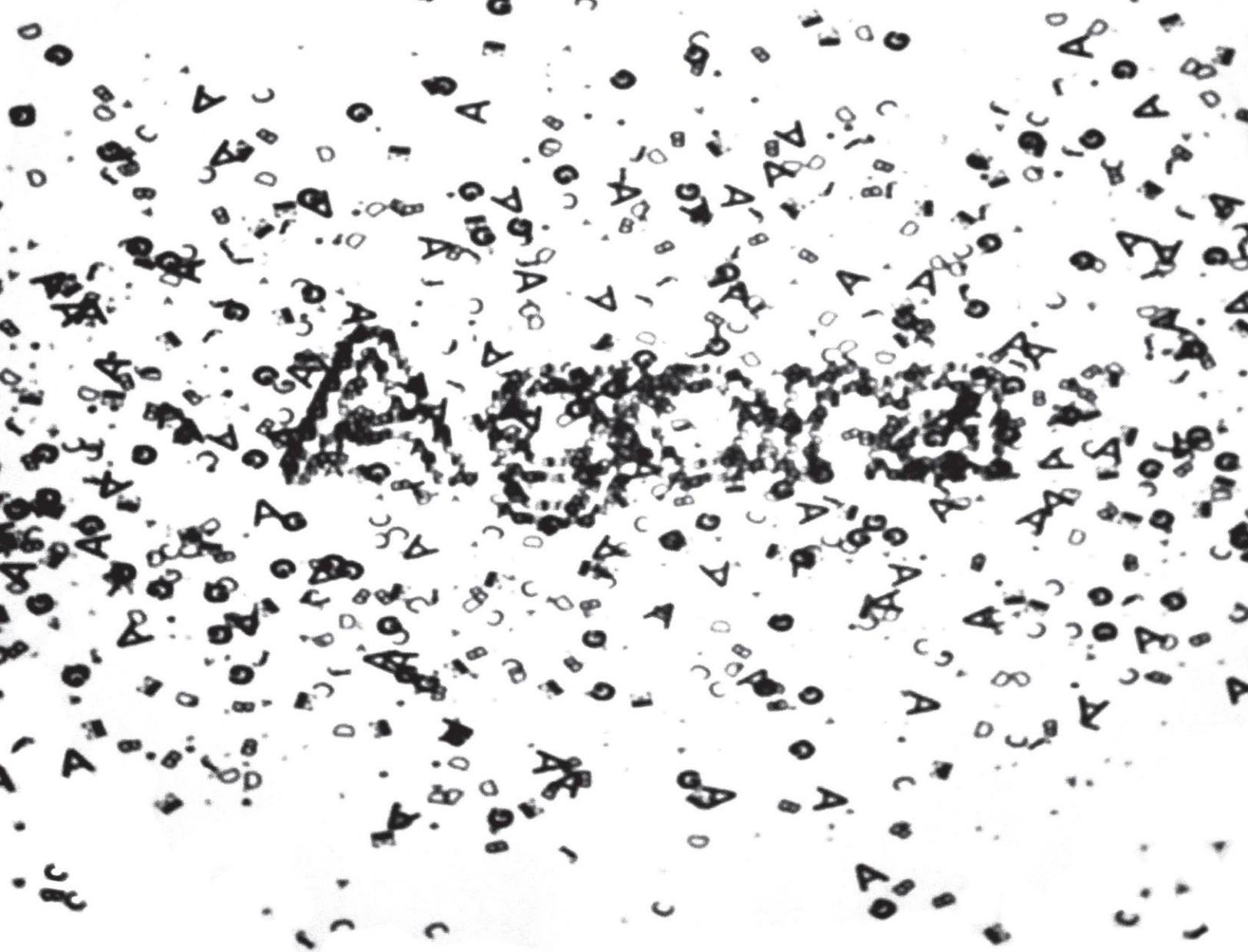
As imagens do jogo de cartas conduzem a orquestra caótica de palavras-devires¹¹: *tão, quando, onde, cenários,?! , será, futuro, agora, tempo, se, e ...* Letras e palavras fugazes que *dançam* ao seu bel-prazer; e em combinações não compreendidas totalmente por nós¹², ora se interligavam à movimentação das imagens, ora dançavam outros ritmos desconhecidos. *Como a dança que toma o corpo da bailarina?*

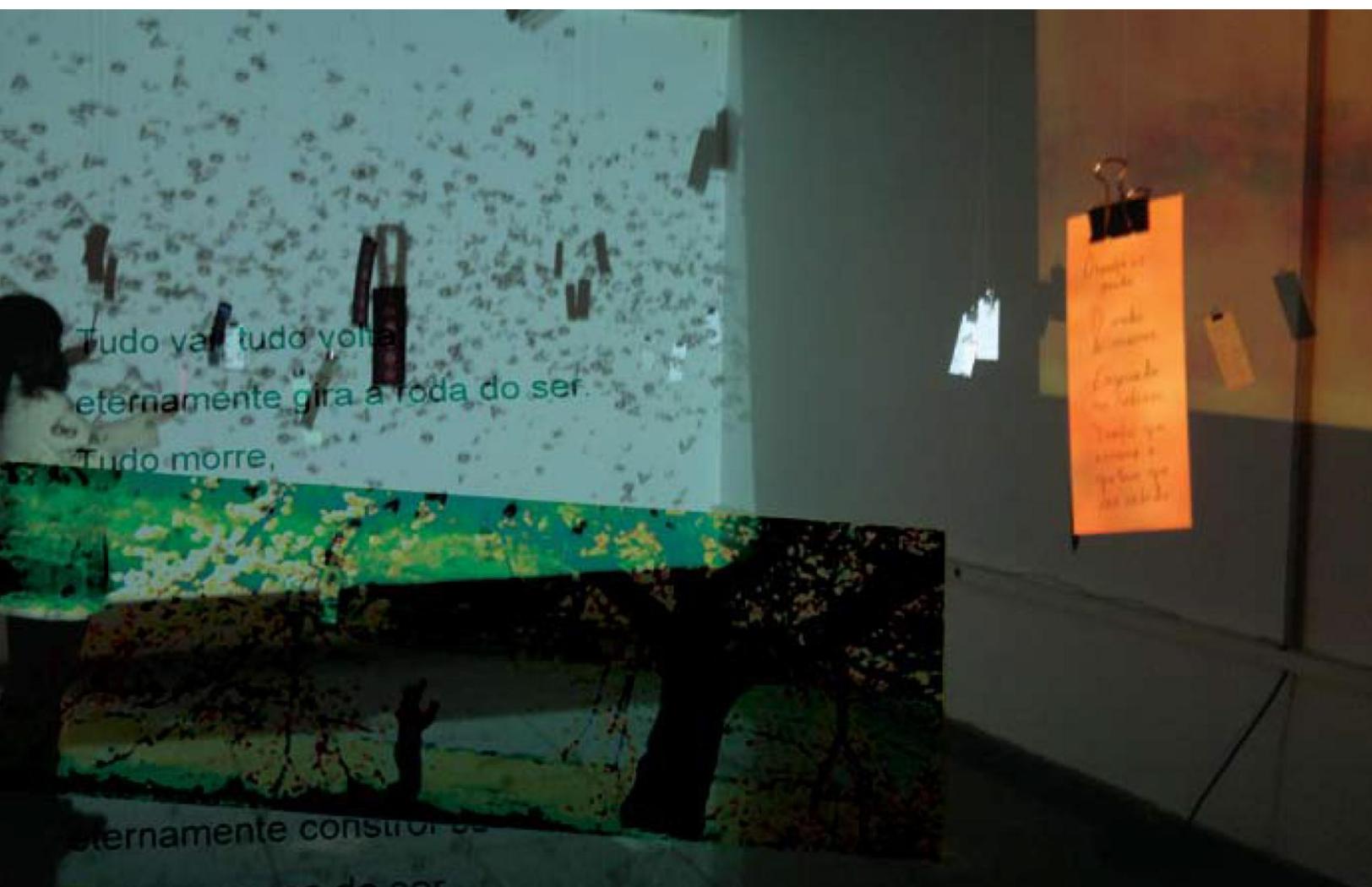
Palavras-letas-e-imagens que dançam? Chovem? Dançam na chuva?

“A dança é o que impede o movimento de cair no clichê” (KARTZ *apud* GODOY, 2010, p.10). Convite para um novo espaço-tempo, ao ritmo das criações, (de)(re)composição de binarismo, (im)possibilidades, invenções. Abalo de vida contra morte. *Bailam vida-morte* (GONÇALVES, 2011, p.69,73). Dançam e movimentam palavras que viram letras, sons que viram textos, imagens que viram ritmos, *viram e desviram*, aproximam e distanciam pensamentos e sensações.

¹¹ Selecionamos palavras que apareciam durante o furacão visual que era projetado em parte da instalação, escolhemos palavras usadas com frequência nos textos de divulgação sobre as mudanças climáticas; palavras como tempo, futuro, quando, cenários. Usamos também partículas “e”, “ou”, pontuações, como exclamações e interrogações; que apareciam de forma aleatória nas projeções.

¹² As projeções das palavras e letras aconteciam conforme as cartas imagéticas eram tocadas, movimentadas e escolhidas pelo público; o funcionamento das projeções operava através do uso de um recurso computacional que foi desenvolvido com câmeras que detectavam a presença do público. As projeções geravam a no público a sensação de estar imerso num furacão das palavras e letras fugazes conduzidos pela interação com as imagens-cartas. Em alguns momentos, no entanto, o sistema começou a operar de forma “desconhecida” por nós, por alguma falha do programa, as projeções aconteciam independentes da movimentação das cartas imagéticas, criando um aspecto visual de uma *dança incontrolável* de palavras e letras. *Imprevisibilidades que aconteceram desde dentro da instalação.*





Tudo vai, tudo volta
eternamente gira a roda do ser.
Tudo morre,

Handwritten text on an orange paper:
Quando a vida
forde
deixa
quando
na vida
quando
quando
quando

eternamente constrói
de ser

Vida no
outono quan
do o tempo
estará em
caos devido
à atividades
antárticas



– Moça, mas esta instalação é sobre mudanças climáticas? – perguntou-me a professora da escola¹³ onde montamos a instalação furacão.

Na hora a pergunta me pegou de surpresa e não tinha uma resposta pronta, e disse meio titubeando:

– Sim, é sobre mudanças climáticas.

A professora olhou-me com um ar de quem não havia se convencido com a resposta. Porque eu também não estava convencida. E aquela pergunta ressoou em mim durante tempos, por meses ficou suspensa, pasmada.

O furacão já havia passado, mas esta questão ainda me inquietava e gerava outras indagações.

Esta instalação é sobre mudanças climáticas? Isto é divulgação científica? Sim? Não? Se não, por que não poderia ser? Se sim, por que a dúvida em não ser? O que pode ser ou não pode ser divulgação científica? Isto é pesquisa? Pesquisa, científica? Ou é “arte” – que pode tudo? Sim? Não? Será?

- Será que vai chover?

Perguntas que me invadiram, e ao grupo também, com muita intensidade, não teria respostas e explicações precisas para essas questões, *não daria, nem se quisesse...* Acreditava sim que a instalação furacão era sobre mudanças climáticas, mas não só; era também sobre ciência, sobre arte, sobre divulgação científica, sobre educação, sobre políticas; *e... e... e...* E muitas outras questões-intensidades que atravessaram os nossos estudos, criações, experimentações e vivências com o público.

Não queríamos problematizar somente as mudanças climáticas e recair nos jogos que são constantemente produzidos; não estávamos ali para perpetuar os discursos vigentes, com mais explicações; conselhos de formas “corretas” para habitar o mundo; ou alertar sobre as ameaças do clima que estão por vir. Estes discursos estão por todo lado, na mídia, na divulgação científica, nas ciências, universidades, escolas, governos... E inundam-nos

¹³ Escola Estadual Prof. Antônio Alves Aranha, em Valinhos –SP.

constantemente com imagens, palavras, sons, objetos; repletos de sentidos fixados e propósitos demarcados. Queríamos problematizar essas formas totalizadoras de pensar as mudanças climáticas e as formas de habitar o mundo que elas produzem; modelos estes que enrijecem a vida. *Vida* – das singularidades, das multiplicidades, das diversidades de formas de expressão no mundo que rompem, vibram e desejam *vidas intensas*.

Procurávamos pensar em torno desses modelos e práticas recorrentes nos discursos sobre as alterações climáticas, tensionar as imagens clichês da divulgação científica que são usadas para falar do clima, e buscar *liberar vidas* desde dentro dessas fixações de sentidos; entendendo-as como um *problema político* que necessita ser pensado, movimentado. Um problema que não envolve apenas o campo da divulgação científica das mudanças climáticas, mas também atravessa as comunicações, ciências, educações; os espaços da escola, da universidade, dos laboratórios de pesquisa – locais de produção e circulação de conhecimento.

E a montagem da instalação em diferentes espaços, escolas, universidade, eventos científicos, centros de pesquisa (como a Embrapa); permitiu-nos encontros com pessoas e intensidades distintas; trocas e misturas potentes; afetos e sensações que se cruzavam, atravessava-nos e movimentava-nos “um mundo” de questionamentos, dúvidas, inquietações sobre esta “pesquisa /experimentação” que estávamos nos propondo a fazer. Experimentamos e fomos experimentados a todo instante. *Quem-o-que-inunda-e-o-que-quem-é-inundado?*

Desses encontros improváveis entre estudantes de ensino médio, pesquisadores universitários, artistas, videomakers, músicos, pessoas que por ali passavam ao acaso – forças *imprevisíveis* proliferam, intensidades *aconteceram*. Livres para o silêncio das formas e das cores, como diria Manoel de Barros.

Muitas dessas intensidades que nos transbordaram não foram capturadas, não entraram e talvez nem pudessem entrar neste texto, ou em outros textos que escrevemos ou ainda iremos escrever. Algumas forças passaram velozes sem sequer deixar traços nos papéis, ou presença nos nossos registros fotográficos, escaparam. Efêmeras. Como um *acontecimento* que não remete aos encontros dos corpos, do vivido, se relaciona com ele, mas escapa continuamente; se dá na presença do incorpóreo – intensidades que não podem ser contidas, mas acontecem. Tão vivas, como um corpo vivente. Mas uma outra vida; uma vida que não é orgânica, é fugaz.

Vidas que pulsaram também por entre imagens, palavras, sons; movimentações. Encontros de forças que puderam gerar outras forças, *in-corporações* ao próprio corpo-instalação que passou a agregar outros corpos-intensidades. Palavras, poesias, criações imagéticas (fotográficas e audiovisuais), sons, produções que nasceram desses encontros e interações com o público; onde novas *cartografias* foram sendo construídas e reconstruídas.

Para Suely Rolnik, a cartografia inclui as forças dinâmicas do meio em que se encontra, deixando-se *afetar e movimentar* por elas. “A cartografia, neste sentido, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos” (ROLNIK, 2007, p.23). O cartógrafo, então, deixa-se afetar pelos corpos vibráteis e também os afeta, cria devires constantes; os seus princípios são *vitais* e mutáveis, a sua “ética” (p.70) é sustentar a vida em seu movimento de expansão, proliferação:

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para os afetos que pedem passagem, dele espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição de cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago (ROLNIK, 2007, p.23).

Instalação Antropófaga? Encontros entre forças que geram outras forças? Devires. Intensidades que nos afetam e que também afetamos? Antropofagia para aumentar a força, como os índios tupinambás que comiam os seus inimigos acreditando que incorporariam outras forças às suas. Processos de in-corporações constantes (a força está no caminho?); a instalação ao incorporar forças/intensidades e também ser incorporada – criava outras forças; outras paisagens-cartografadas com seus constantes desenhos e apagamentos: raspou o tempo – aquele tempo duro e linear, para ver se, de lá de dentro, pulsavam outros tempos e vidas. Inventou estórias regadas a banquetes de poesias e palavras; experimentou outros toques e olhares, e até ouviu “causos” da mulher-esqueleto esquimó ao som de tambores e cantorias diversas. Aventuramo-nos sem destino traçado, navegando por onde as imagens-clichês pudessem nos levar e proliferar vidas; vidas intensas¹⁴.

Instalação que se deixou afetar pelo *clima-público*: inundou-se com chuva de palavras; secou-se diante do silêncio de olhares desconfiados; aqueceu-se com toques e acordes; esfriou-se junto às salas climatizadas montadas em ambientes científicos de paredes cinza. Modificou-se a todo momento, *assim como as nuvens?*

E em meio a tantas intensidades absorvidas e proliferadas durante a instalação, a pergunta da professora continuava a ressoar em meus pensamentos e também nas conversas durante os encontros do projeto: “*mas esta instalação é sobre mudanças climáticas?*”. Será que teria sido melhor responder que “não” à professora? Pois a instalação não era mesmo somente sobre mudanças climáticas, mas este “não” poderia gerar uma espécie de acomodação-cognitiva no sentido de que – se a instalação não tem um tema, não aborda nenhum assunto específico – ela poderia ser qualquer coisa, podendo perder-se em meio a

¹⁴ Os exemplos citados se relacionam às atividades que fizemos durante o evento “Vida e tempo em proliferação” que aconteceu no Centro Cultural Casarão do Barão, em Campinas, 2012. Neste evento, realizamos uma série de oficinas, palestras, apresentações artísticas e musicais. Participaram dessas atividades pesquisadores de áreas distintas, como das mudanças climáticas, divulgação científica, artes, comunicação, educação. O evento foi aberto ao público em geral, mas direcionado à participação de estudantes de escolas públicas da região de Campinas-SP. Durante essas atividades e oficinas foram produzidos materiais fotográficos, roteiros de filmes, minicontos, poesias etc.; todo este material foi gerado a partir dos encontros com as cartas imagéticas do jogo que havíamos criado com as imagens clichês que selecionamos das mudanças climáticas.

tantas possibilidades, *um tudo que poderia se tornar nada* – um *caos* onde não há esforço para torná-lo compreensivo. Correndo, assim, o risco de perder a sua potência.

Mas a instalação, no entanto, não seria apenas um artefato de divulgação científica das mudanças climáticas; uma vez que buscávamos tensionar a própria divulgação científica tomada enquanto um meio para difundir assuntos científicos para a população, e desejávamos pensar a instalação também *enquanto um movimento coletivo de pesquisa e experimentação* que pudesse levantar questionamentos, dúvidas, proliferações.

A força que nos movimentava na elaboração da instalação e de outras criações que fizemos, era a de construí-las junto ao público, às leituras, às conversas entre os participantes do grupo de pesquisa... Por vezes, falhamos em nossos trabalhos e pesquisas, perdemo-nos no meio do caminho, mas depois nos achamos; e nos perdemos de novo e nos encontramos novamente; ora velozes, ora lentos, ora participativos, ora observadores... Sempre, porém, em *movimentos* que pudessem desacomodar os nossos pensamentos.

Um coletivo, um plano de criação, inventando ao mesmo tempo em que criava, afetando os diversos processos-produtos gerados: oficinas, eventos, artigos, trabalhos apresentados em congressos, artefatos de divulgação científica etc. Aposta [que] desviou-se do pensar uma relação linear entre ciência e divulgações, em que a primeira se constituía no lugar do pensar, e a segunda no lugar do aplicar (DIAS; MARQUES; AMORIM; 2012, p.11).

Talvez, então, a resposta à professora não fosse apenas “sim” *ou* “não” – pois uma coisa *ou* outra remeteria a um pensamento de oposições, a lógicas excludentes que já marcam, fortemente, os discursos em torno das mudanças climáticas, e queríamos problematizar essas políticas e representações que acontecem. Quem sabe, a resposta à professora pudesse ter sido “sim *e* não”? Este “e” como força que junta e separa; soma e multiplica; converge e diverge (DIAS, 2012); uma partícula que agrega intensidades distintas, que

não se prende a oposições ou escolha de uma resposta certa, mas multiplica possibilidades de caminhos e pensamentos.

A pergunta da professora, no entanto, continuava a inquietar nossos pensamentos em torno da divulgação científica enquanto pesquisa... Os materiais de divulgação científica das mudanças climáticas precisariam, necessariamente, mostrar as “mudanças do clima” para serem considerados como tal? Seria preciso a evidência da reconhecimento imediata das imagens, palavras e sons, usados habitualmente na divulgação científica das alterações climáticas, para ser reconhecido diante do público como um artefato de divulgação científica? Ainda permanecemos satisfeitos dentro das celas dos sentidos conhecidos e dos significados dados (ODA, 2011) e nos sentimos desconfortáveis quando não reconhecemos rapidamente os sentidos das coisas do mundo ou quando esses sentidos apresentam-nos tensionados, rasurados, rasgados?

Não seria preciso, então, pensar e desconfiar acerca das políticas imagéticas recorrentes nas divulgações científicas das mudanças climáticas? Para falar de água, mostra-se água; para falar de chuva, mostra-se a chuva; para falar de enchente, mostra-se a enchente, para falar de seca, mostram-se cenas de chão rachados da caatinga, ou quem sabe, a representam com desenhos de áreas avermelhadas no mapa da previsão da moça do tempo.

Investidas em imagens de re-cognição e correspondência que se espalham e se repetem pela mídia e pela divulgação científica. Celso Bodstein (2006), em sua tese *Fotojornalismo e a ficcionalidade da realidade*, fala sobre o insistente apego por realismo nas fotografias usadas no jornalismo e problematiza uma crise de representação de factuais dos valores-notícias tradicionais. Bodstein discorre sobre o excesso de obviedades e objetivações nas escolhas imagéticas que habitam os jornais, onde as imagens tornam-se ilustrações dos textos impressos e ficam dependentes e submissas aos seus conteúdos textuais.

Com o jogo de cartas que criamos e que fez parte da instalação, queríamos pensar em torno dessas questões, da relação entre imagem e texto, das possibilidades da imagem de se desprender dos discursos dados pelos textos das matérias jornalísticas e de divulgação científica sobre as mudanças climáticas. Pensar/experimentar a força dessas imagens clichês para lançar-nos a outros tempos e vidas que poderiam surgir para além de seus sentidos já dados pelos discursos vigentes, abrindo-nos a outras cartografias que pudessem emergir e dar passagem a intensidades distintas.

E as nuvens de pensamentos foram se aproximando e afastando em encontros efêmeros...

Será que vai chover?

Cap.4



- Previsão¹⁵ para o Brasil: uma frente fria avança para o litoral do sudeste e aumenta o risco de temporais em São Paulo, no Rio de Janeiro e no centro-sul de Minas Gerais. Ar abafado e chuva forte entre o Paraná e o Amazonas. Sol no Rio Grande do Sul e em quase todo o nordeste. Calor e chuva no restante do país.
- Previsão para hoje em São Paulo: períodos de sol, chuva e vento forte. Probabilidade de chuva 80%, volume de chuva 15mm, umidade relativa 85%.
- Próximos dias em São Paulo: amanhã até domingo o tempo fica fechado, com risco de chuva forte e volumosa.

¹⁵ Fonte jornal *O Estado de SP*, do dia 10/12/2012.

Afirmar chuvas de verão? Ventos-de-repente-tempestade? Finas e contínuas que nos penetram aos poucos? Rápidas e torrenciais que encharcam nossa existência? Ora temporal, ora garoa, ora...?

Do jogo de cartas que criamos, esta imagem-carta veio habitar este texto-pesquisa; uma imagem bastante *marcada* dentro das políticas imagéticas em torno das mudanças climáticas – *a imagens de satélite* – que representa e nos informa sobre o tempo *porvir*, dizem-nos do futuro para que possamos planejar as nossas vidas. Imagem esta que sustenta uma série de discursos estabelecidos para falar do tempo, do clima, da vida; dizeres que buscam previsibilidade, controle, encontrar rotas para os elementos climáticos por meio de cartografias pré-estabelecidas.

Imagens que servem às *previsões e nos previnem*. *Chuvas* que a ciência tenta prever e monitorar por meio de imagens de satélites e supercomputadores: “ao invés das nuvens nos cobrirem como sempre fizeram, nós é que cobrimos; ao invés de nos verem do alto, nós é que as olhamos de cima (...) e sabemos de onde vêm, para onde vão, qual o índice de precipitação que deixarão em seu caminho” (RAMOS, 2008, p.214).

A chuva é o *fora* cobiçado, nosso verdadeiro aliado, cuja amizade perdemos há tantos anos. E hoje é como um inimigo que verdadeiramente a tratamos – vigiando-a da altura dos satélites, imprimindo fotos de seu percurso, anunciando a todos para aonde vai, de onde vem, quando atacará. Sim, a própria linguagem militar da previsão do tempo – a frente fria, como uma frente de batalha – denota que estamos em luta. O apresentador – em geral são mulheres de unhas grandes, que apontam os mapas tridimensionais como se mostrassem as armas da bateria inimiga voltadas contra nós – dá um tom de naturalidade ao nosso medo, tornando-o universal e coletivo (RAMOS, 2008, p.212-213).

Cenas do nosso planeta – que é fotografado e filmado de diferentes ângulos e *perfis* – observado e analisado continuamente, sem descanso. Um *reality show* climático com a função de nos manter informados e prevenidos sobre as ameaças que possam vir. Estas

imagens-olhares-alertas que querem acompanhar circulações de massas de ar, as correntes marítimas, as concentrações de gases na atmosfera e outros fluxos de matérias.

Nuvens de outrora chuva agora povoam céus de coordenadas numéricas e imagens de satélites. Forças da natureza – *corpos* em agitação constante transformam-se em objetos científicos a serem mensurados e analisados; representações imagéticas do tempo. Objeto-clima; observadora-ciência. *Corpos-imagéticos que representam corpos-forças da natureza.* Massas de ar em movimento que se deslocam por entre lentes de satélites e telas de computadores, imagens-motoras que monitoram. *Desejam acompanhar e localizar as nuvens?*

As fotos de satélite mostram quase sempre o céu fechado, ou então uma panorâmica do solo a uma distância que transforma tudo em textura amorfa, fazendo assemelhar-se o pequeno visto de perto ao enorme visto de longe, num fluxo contínuo e homogêneo entre escalas opostas. Essa homogeneização profilática, típica das fotos aéreas, acaba por inserir em nossas vidinhas uma espécie de antinovidade, antiurgência, como se nada valesse a pena (RAMOS, 2008, p.215).

Imagens como dizeres do clima (*retratos do tempestuoso?*), podem ser registros próximos ou distantes; *P&B*, sépia, ou posteriormente coloridas. *Imagem fria? Sem subjetividade? Imagem-útil e funcional? Imagem-científica-e-imparcial?* Informações-visuais com *status* de verdade científica que rapidamente chegam até nossas vidas. Bonfiglioli (2006), fala sobre uma “aparente neutralidade científica” que faz com que as imagens de satélite ganhem ainda mais valor de verdade nos discursos que são produzidos.

Parece que há um “consenso” na direção de corroborar que a imagem “eminente” desumanizada é mais apta a ser portadora de um valor de verdade científica (...). A fotografia por satélite, além de representar diretamente um discurso científico (aquele que possibilita a própria execução de tal fotografia), parece ser “neutra” em termos de

intencionalidade de significação e sentido. A imagem de satélite precisa ser, sempre, interpretada cientificamente (lugar da significação), antes de ser interpretada sensorialmente (possibilidade do sentido) (BONFIGLIOLI, 2006, p.7).

Para os estudos sociais da ciência, as imagens de satélite envolvem relações sociais e práticas de construção do conhecimento científico que operam entre a captura, as interpretações e significações que atravessam a produção e circulação dessas imagens. Porque mesmo que observadas e capturadas por equipamentos tecnológicos de alta precisão, as imagens de satélite passariam a ganhar sentido, dentro da perspectiva meteorológica, quando integradas às interpretações científicas; significações que posteriormente alcançariam outros âmbitos e estabeleceriam relações sociais entre os diferentes agentes que possibilitariam a circulação dessas informações.

Em seus estudos sobre imagens aéreas de solos e mapas, Latour (1995) apresentou a ideia de *móveis/imutáveis*, que corresponderia à circulação de conhecimentos sobre uma área através da captura de imagens que a representariam. A imagem de um mapa, por exemplo, pode apresentar informações detalhadas sobre um determinado local, que passaria a ser considerada como um artefato de construção de conhecimento (*imagem-informação*) que pertence a uma emaranhada trama de produção de relações que entrelaçam diferentes atores, como cientistas, governos, agências de pesquisa. Para Marko Monteiro (2010), em sua pesquisa sobre imagens de sensoriamento remoto via satélite, para analisar esses artefatos visuais seria necessário pensá-los não apenas enquanto objetos, mas como *processos* – que incluem a prática da produção dessas imagens (em laboratório e/ou centro de pesquisa), as suas manipulações e as formas de interpretação dessas informações-visuais até que cheguem na sociedade.

Imagens que *representam o clima porvir* e fornecem informações às pesquisas climáticas com o intuito de gerar dados para o futuro (*ou um futuro dado?*) através da projeção de cenários climáticos e previsões. Diferente da *previsão do tempo* que geralmente é calculada para períodos curtos (por volta de uma semana), os *cenários* são projeções para

médio e longo prazo – com cálculos estimados para meses, anos, décadas e até séculos futuros. São estes estudos sobre o clima futuro que são utilizados para as formulações de políticas públicas relacionadas às mudanças climáticas – como a prevenção de riscos e a mitigação de impactos em diferentes setores, como a agricultura, biodiversidade, zonas costeiras, saúde, economia.

Para a elaboração desses cenários, no entanto, os cientistas utilizam registros de dados climáticos obtidos no passado e no presente, integrando-os a modelos matemáticos computacionais que trabalham com hipóteses sobre as evoluções das variáveis climáticas.

Até mesmo os modelos mais sofisticados são representações aproximadas de um sistema muito complexo, de forma que ainda não são infalíveis na previsão do clima futuro. Os modelos climáticos são usados como ferramentas para projeções de futuras mudanças no clima, como consequência de futuros cenários de forçamento climático (...) Sabe-se que existe um grau de incerteza do futuro cenário climático do planeta e em particular do Brasil (MARENGO, 2006, p.83).

Segundo o físico Amit Goswani (2008), os sistemas meteorológicos constituem-se como caóticos ou não-lineares e lidam com incertezas a todo momento, pois qualquer alteração mínima em alguma variável do sistema pode causar alterações imprevistas que dificultam muito as projeções de cenários climáticos futuros com precisão. Para o físico, até o bater de asas de uma borboleta pode mudar o clima, uma vez que qualquer oscilação pode gerar um encadeamento de alterações não previstas.

A imprevisibilidade dos sistemas caóticos surge de sua dinâmica não-linear. Para a dinâmica linear, um somatório de causas produz um somatório correspondente de efeitos. Para a dinâmica não linear, a relação causa-efeito não é tão ordeira e previsível. O valor anterior de uma variável influencia o valor atual de modo complicado, dando origem a novas possibilidades para o desenvolvimento do sistema. De fato, isso significa que para oscilações caóticas não-lineares, apenas

uma leve alteração nas condições iniciais produzirá comportamento novo que não pode ser previsto *a priori* (GOSWAMI, 2008, p.127-128).

O tempo calculado na meteorologia, para Michel Serres, é concomitantemente previsível e imprevisível, com flutuações, atratores estranhos. Nem métrico nem geométrico: topológico. O tempo é paradoxal, se dobra, torce; é variedade. “Como uma chama num braseiro, móvel, inesperada (...) tudo numa composição aleatória, numa espécie de desordem” (SERRES *apud* PELBART, 2000, p.185).

Incertezas, imprevisibilidades, não-linearidades, descontroles – estão intrínsecos às dinâmicas climáticas –, no entanto, quase não aparecem nos discursos da divulgação científica sobre as mudanças climáticas que encontramos habitualmente e que apostam em dizeres e imagens que se mantêm rígidos e em busca de verdades sobre o tempo, com *cartas dadas* para que possamos planejar/conservar a vida. Embora os cenários criados pelos pesquisadores sejam fluidos, escapem às determinações, sejam denunciados, por vezes, como imprecisos e fictícios, “ganharam força de realidade e tornaram-se fatos de nosso presente – presente sobre o qual devemos agir, devemos mobilizar a prevenção” (DIAS; LUCCAS, 2011, p.7).

As fotografias de satélite desejam mapear o tempo futuro, agregam peculiaridades em seus *corpos* – querem dizer aonde as intensidades fluidas – *os fluxos climáticos* – estão. Desejam capturar/aprisionar as *forças* do clima a um recorte espaço/temporal dado através da orientação visual das representações de *mapas* que exibem demarcações de *territórios*. Linhas expostas que delimitam as fronteiras que irão *territorializar* os fluxos da natureza a áreas pré-concebidas. *Querem localizar por onde as nuvens e chuvas passeiam, evitando que se percam à mercê de ventos desorientados?*

Mapas e delimitações que se tornam fundamentais para elaboração das previsões climáticas pelos cientistas e que também *marcam* presença nas imagens de divulgação científica do clima – territórios que *re-conhecemos* visualmente e culturalmente, uma investida abalizada por políticas de re-cognição (DELEUZE, 1992), bastante utilizadas

pelos meios de comunicação. No caso da divulgação científica do clima, as representações dos mapas além de localizarem os eventos e defini-los em espaços conhecidos, se dão de forma didatizante através de estéticas visuais que facilitam as explicações dos assuntos “científicos”.

Criam-se, então, demarcações nos espaços visuais dos mapas com a inserção de elementos que facilitam a nossa rápida compreensão (*localização*); como áreas com cores diferentes – escuras para representarem *instabilidade* e chuvas; avermelhadas para bolsões de ar seco e calor; azul marinho para baixas temperaturas (que, às vezes, aparecem ainda com desenhos de termômetros ao lado, evidenciando que realmente fará frio). Separam, assim, o frio do calor, os dias ensolarados dos nublados e, normalmente, olhamos para as “partes acinzentadas” no mapa com o desejo de que se movimentem para fora da área em que estamos delimitados e que se espalhem para longe das linhas que configuram o nosso estado, fujam dos limites que circunscrevem a nossa micro região.

Imagens de *mapas* que *representam* o espaço? Para Oliveira Jr (2011), o espaço não pode ser representado, assim como o *real não é representável*. A imagem do mapa não poderia ser a tradução fiel do espaço externo que representa, uma vez que o *espaço real* não é estático, plano e demarcado politicamente (com estados, países e fronteiras). O espaço agrega multiplicidades, relevos distintos, sobreposições, linhas de forças, interconexões, interações constantes que não são e nem poderiam ser localizadas e apreendidas pelas representações dos mapas, pois essas intensidades *escapam* continuamente às tentativas de capturas e demarcações.

Wenceslao trabalha a noção de *espaço* em um potente diálogo com Marssey (2008), apresentando-o como um lugar de *eventualidades*, fruto de tensões, encontros, trocas, disputas que ocorrem sobre ele e que o compõem – “como um todo complexo e mutável. Estando, portanto, sempre inacabado e aberto”; “sempre em construção” (OLIVEIRA JR, 2011, p.2,3). Um *espaço vivo* que se modifica a todo instante e que não cabe dentro das representações simplificadoras dos mapas.

Essas representações de mapas, no entanto, recebem *status* de realidade e legitimidade na sociedade, uma vez que são tomadas como imagens “verdadeiras” que trariam o espaço impresso em sua tela/papel por correspondência. “Imagens que grafam e demarcam o espaço e desejam que miremos o espaço sob a perspectiva que elas nos dão dele. (...) estão produzindo formas não só de imaginar o real, mas também de percebê-lo e concebê-lo” (OLIVEIRA JR, 2009, p.20). E nos esquecemos de considerar, muitas vezes, os vários fatores políticos e econômicos, os poderes e negociações que existem por entre as construções dessas imagens que remetem às demarcações de territórios.

Para Wenceslao, os mapas deveriam proporcionar modos de nos afetar em outras lógicas que não a da representação e sugere a ideia de pensar o mapa enquanto *apresentação* que remete à criação e à invenção dos espaços. “Os mapas seriam apresentações do espaço realizadas pela e na linguagem cartográfica – nunca representações dele, espaço, por si mesmo – utilizando-se da cartografia e dos cartógrafos como seus porta-vozes” (2011, p.2). A ideia de *apresentação* que o autor expõe para pensar as imagens de mapas se relacionaria a *apresentação* enquanto *criação, movimento, arte*.

A palavra *apresentação* me leva a aproximar os mapas do teatro, da dança e de tudo aquilo que se expõe a nós para ser visto e desfrutado, composto sobretudo por corpos humanos em movimento e tensão, conectando-me a palcos e praças (...) Contaminando-os das ideias e práticas neles existentes, ao mesmo tempo que são contaminados pelas potencialidades dos mapas nas criações que ali podem se gestar (OLIVEIRA JR., 2012, p.12).

Imagens de mapas que apresentam, movimentam e dão passagem a intensidades distintas? Imagem como apresentação que se aproximaria da arte, do teatro? Ideias de apresentação que o diretor de teatro Zé Celso Martinez Corrêa expõem em sua relação com o teatro; para ele, o teatro para ser vivo precisaria romper com a ideia de teatro enquanto representação, na qual os atores representam um texto para a plateia que observa passivamente. O teatro (de apresentação) que ele procura, se relacionaria ao

teatro *dionisíaco*, onde atores e público fazem parte de uma cerimônia, um ritual de trocas.

Teatro é ritual, não é aquela coisa careta que a burguesia inventou, onde existe um palco e o público assistindo e que você se afasta do público, e você representa. (...) No nosso teatro, a gente não representa, a gente *apresenta* (...) A gente vira, entra virado, vira entidade. O ritual do teatro é um ritual religozozo. A gente atua com a plateia. Há trocas de energias, não representamos no sentido de fingirmos, mas vivenciamos a experiência do ritual (a macumba)¹⁶.

Intensidades que transbordam o ator? Forças que extravasam e movimentam? As imagens de mapas enquanto forças de “apresentação” poderiam movimentar nossos pensamentos e sensações para além das tentativas de representações fiéis dos espaços? Será que as imagens dos mapas poderiam criar/inventar outras cartografias que pudessem incluir intensidades ainda não dadas – que criassem tensões onde as certezas e demarcações fossem desestabilizadas? Forças que “fizessem o mapa gaguejar, torcer? E que pudessem encontrar “outras potencialidades enquanto linguagem expressiva?” (OLIVEIRA JR., 2012, p.12).

A aposta que Wenceslao nos convida a fazer em seus estudos, no entanto, não é de negar a cartografia existente, mas buscar outras intensidades que possam emergir desde dentro desses mapas – como elementos distintos que não são cartografados, outras possibilidades, como interroga o autor: “linhas de força criadoras que nos levem a inventar outros mundos, outras potencialidades de viver a vida que não as reguladas pelo Estado e seus parceiros no controle da vida contemporânea?” (OLIVEIRA JR., 2011, p.11). Mapas como *cartografias menores* que buscariam referências móveis, *derivadas*, para liberarem as intensidades a devires; invenções de novas formas de existência nas/pelas/com essas imagens como uma aposta política. *Forças outras* que pudessem proliferar por entre mapas, linhas, estagnações, demarcações.

¹⁶ Trechos da entrevista de Zé Celso Martinez Corrêa sobre a sua peça *Macumba Antropófaga*, disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=DgmynP1NaJw>.

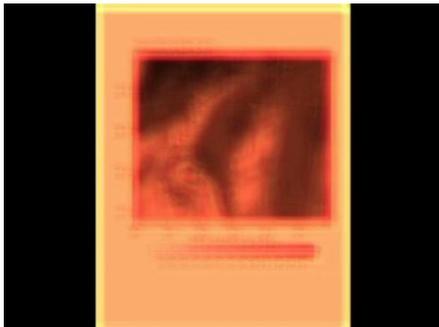
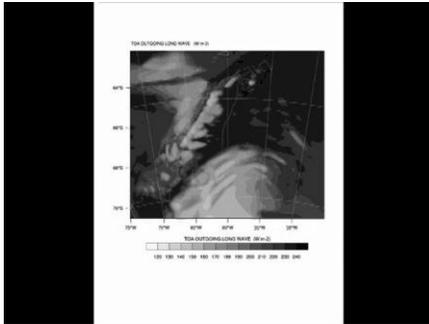
Lançar o mapa a novas aventuras por meio de experimentações – “movimento de tornarem-se outros, de in-corporarem em si outras potencialidades, desde dentro de si mesmos, ou seja, a partir de mobilizações e rasuras na própria linguagem cartográfica, no próprio mapa enquanto forma cultural estabelecida” (OLIVEIRA JR, 2012, p.16). Criando cartografias outras, que possam romper brechas nos modelos e padrões reconhecidos, já tão mapeados na nossa forma de ver e perceber a concepção de espaço que nos cerca; buscando desmanchamentos de certas visões do mundos pré-estabelecidas e enrijecidas. Wenceslao se aproxima das experimentações artísticas para criar possibilidades distintas de construção de mapas, usando referenciais que procuram a fluidez, o devir, para pensar o espaço – que está sempre em construção, se desfazendo e se recriando a todo momento.

Ao pensarmos com a carta-clichê da fotografia de satélite, muitas questões apareciam no jogo das imagens e dizeres das mudanças climáticas, como as cartografias dadas de mapas para localizar e direcionar os fluxos climáticos; o insistente desejo de prever o tempo porvir; de controlar o descontrolado; de ordenar o que se desordena a todo instante; de procurar rotas para os corpos climáticos efêmeros, um caldeirão de investidas e intensidades que transbordavam para todas as tentativas de previsão do tempo da imagem de satélite.

E em meio a essa efervescência de dizeres e ideias que atravessam esta imagem-clichê e desassossejavam nossos pensamentos, queríamos buscar intensidades onde essas oposições se encontrassem, misturassem, bagunçassem e pudessem proliferar outras forças, outros pensamentos e sensações. E durante as atividades do Projeto *Vida e tempo em proliferação* criei um vídeo para fazer com que as imagens de divulgação das mudanças climáticas, em especial as imagens-mapas de satélite, pudessem trafegar por *entre as tensões do reter e do escapar constantemente...*

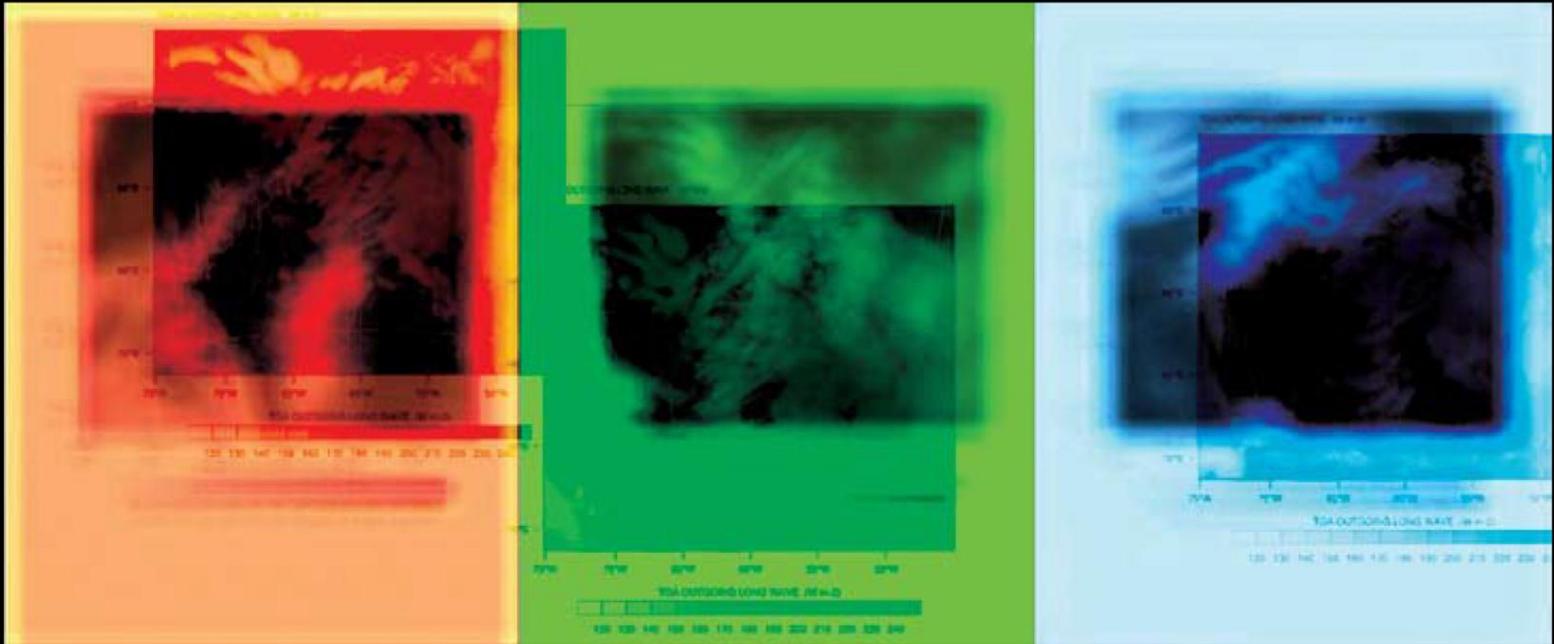
Criações visuais que pudessem dar visibilidade e tensionar as forças de controle e descontrole; previsão e imprevisibilidade; fixações e fluxos, para procurar por frestas para outras intensidades passarem – *outras cartografias que pudessem emergir desde*

dentro do mapa climático? Forças que ao mesmo tempo que fixam, soltam – invadidas por intensidades imprevisíveis que liberam outros fluxos... Criam desvios nas rotas e percursos informados pela meteorologia e pela divulgação da previsão do clima, tensionam os dizeres que querem afirmar o porvir.



17

¹⁷ Fotografias extraídas do vídeo realizado durante as atividades do projeto Vida e tempo em proliferação. Esta sequência de imagens fotográficas que apresento aqui foram extraídas do vídeo que se inicia com uma imagem de satélite estática, mas que é invadida por intensidades que fazem os fluxos climáticos se movimentarem com rapidez e in-corporarem outros elementos, como cores e movimentos distintos. O vídeo busca uma estética visual que procura tensionar os discursos climáticos, com seus desejos de aprisionamento e controle dos fluxos dos elementos do clima.



No deslocamento da criação do vídeo para esta escrita, aproximo-me dos conceitos de *rota* e *deriva* que Ana Godoy (2008) explora, antropofagiando-a para pensar a imagem-carta-mapa. Godoy apresenta a concepção de rota como um desejo de orientar e disciplinar o movimento da vida, através de um percurso que imprime um ponto de origem e um destino, traçando um caminho linear para chegar ao ponto pretendido. A rota funciona com referências pré-concebidas e um modelo imaginado a ser seguido, um roteiro de viagem para que o viajante possa seguir direto rumo ao seu destino; essas rotas buscam estabilizar e ordenar os percursos. Godoy procura relacionar a rota às ecologias maiores que proliferam discursos e políticas que propagam modelos a serem seguidos, dizeres que são apresentados como verdadeiros e solucionadores dos problemas comuns (homogeneizando-os), com percursos elaborados e dados para disciplinar o próprio movimento da vida.

Já a deriva, por sua vez, corresponde a uma variação contínua do movimento que a rota deseja ordenar; são movimentos que *acontecem* em fluxos imprevisíveis e que não podem ser delimitados porque *escapam*, criam devires constantes. A deriva se relaciona à vida fazendo-a se desprender das rotas que querem disciplinar o seu movimento; criando desvios, libera a vida – *que não pode ser contida*. Este movimento de liberação da vida está ligado a um movimento da ecologia menor e vem da força do pensamento ativo que inventa, cria, experimenta e pode proliferar outras formas de existência no mundo – que não seguem modelos, *rotas já mapeadas*, mas se lançam à *aventuras derivantes* e a fluxos imprevisíveis.

Ao in-corporar a carta da imagem de satélite à pesquisa, algumas rotas e derivas de pensamentos se apresentaram em meio aos desejos insaciáveis da meteorologia e da divulgação científica de estabelecer *percursos e rotas* para os fluxos climáticos que, no entanto, *derivam-se* a todo instante, criam desvios e escapam das tentativas de previsões certas de seus movimentos. Desorientando as tentativas de disciplinar o movimento dos ventos, nuvens e tempestades.

O vídeo lança as imagens a *um tempo* outro, não *o tempo* das previsões climáticas que querem dizer do futuro: se irá fazer sol ou chuva, um tempo que irá virar dados e servir a índices, cálculos, estimativas climáticas; mas um tempo que se abre a invenções, a sensações e afetos não capturáveis. Um tempo que (re)inventa derivas, invadido por cores, sombras, intensidades que pedem passagem e criam outras possibilidades a serem cartografadas por entre mapas, modelos e previsões do tempo, rotas e derivas; imagens que fabulam tempos (im)previstos que buscam romper fissuras por entre os discursos solidificados, indo ao encontro e desencontro com outros tempos e vidas por/com/pelas/nas imagens.

Água-para-fluidificar-palavras
Cap.5



O *corpo-pesquisadora* em imersão mestrado é percorrido por intensidades distintas, fluxos contínuos que o atravessam. Mas seria a escrita capaz de convocar essas forças a habitar o papel-tela? Será que a escrita dá conta? *Será??* Perguntas que permaneciam suspensas nas silenciosas pausas dedos-teclado. Como *convidar/convocar* essas intensidades para *habitarem* a escrita?

Entendendo a ação de “habitar” o papel enquanto uma *força política*, uma maneira de dar a ver intensidades, através da escrita, que podem movimentar pensamentos, sensações; como o cartógrafo de Rolnik (2007), que vê a linguagem como possibilidade de proliferação, de “dar língua” para os afetos que pedem passagem e descobrir/inventar novas cartografias, outros mundos possíveis.

Ao pensar com Rolnik, então, trago também a própria escrita para ser encarada como força de pesquisa – um corpo-escrita que pode agregar possibilidades distintas de incorporação de forças (*escrita antropófaga?*); e nesta ação de habitar o papel – as intensidades se *movimentam* e são *movimentadas* por palavras, imagens, sons, autores; forças que se aproximam e que se abrem a outros encontros.

Deleuze, em *Crítica e Clínica* (1997), diz de uma escrita de *vida* e de saúde, que ultrapassa a matéria da vida orgânica e encontra outros vividos – “é a passagem da vida na linguagem que constitui as Ideias” (p.16). Uma *vida* múltipla que expande e movimentada devires constantes.

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. A escrita é inseparável do devir: ao escrever, estamos num devir-mulher, num devir-animal ou vegetal, num devir-molécula, até um devir-imperceptível. Esses devires encadeiam uns aos outros segundo uma linguagem particular (...) O devir está sempre "entre" ou "no meio": mulher entre mulheres, ou animal no meio dos outros”(DELEUZE, 1997, p.11, 12).

Escrita-com-vida-própria? Como a dança que toma o corpo da bailarina?

Encontro de forças que viram outras forças...

Pensar/experenciar a escrita enquanto *devir*; uma escrita-viva que *é, em vir a ser...*

Escrita como vida; escrita para liberar/libertar a vida (vida que não remete apenas ao *eu* vivido, mas o extrapola desde lá de dentro). Vida das palavras, vida dos pensamentos, *fio do tempo* que entrelaça os pensamentos às palavras; as palavras à escrita; a escrita ao texto; o texto à tela (*tela que convida as cores? e elas vêm?*). Palavras-cores-para-penetrar-o-alvo-espectro. Pensamentos, ideias, sensações, afetos, que tecem o papel – uma superfície que se abre aos nossos olhos, lançando-nos a aventuras excêntricas, que como diria Godoy (2008), “não se sabe de antemão aonde se vai chegar, tampouco quais encontros se darão pelo caminho” (p.52); a exigência, porém, é “permanecer leve e ágil, sem sucumbir ao peso da interioridade” (p.49).

Palavras que, *leves*, são balançadas pelo vento?

Vem, vento, vem. Ventilar a solidez da escrita.

Perfurar buracos nos muros da escrita-dissertação.

Nuvens que vagueiam por entre palavras, parágrafos e citações... Surgem por *entre buracos* na superfície papel – brechas para desacomodar a própria escrita-que-se-quer-dissertação-de-mestrado. Vento, água, sol, atritos, que in-corporados ao papel convocam a passagem de luzes, cores, texturas, sombras, brilhos e opacidades. Materialidades que *deslizam, escorregam* a olhos vistos... E como apreendê-las antes que escapem velozes?

Queria escrever por imagens... Escrita por devires imagéticos? *Foto-grafias, foto-poemas, foto-entrelaçamentos* de ideias com vontade de se expandirem para um além texto; extrapolar a escrita desde dentro da escrita-pesquisa. Texto-devir-imagem, imagem-devir-texto. *Vira e desvira, entra virado.* Imagem e escrita; escrita e imagem, e... e.... E... Grafias e foto(grafias) que se misturam umas às outras. Afastam-se e aproximam-se nos encontros efêmeros com os elementos do *clima* – que in-corporados à escrita, criam uma *outra* escrita.

E as nuvens foram se aproximando...

E os ventos anunciaram o cheiro de terra molhada.

É chuva?

De súbito, deflagraram ventanias e cacimbos, gotas e poeiras, tudo se juntou num remoinho imenso e subiu nos céus, em girações e vertigens, até se formarem nuvens espessas e cinzentas. Depois, ribombaram trovões tamanhos que eu vi o céu rasgando-se como um papel sem préstimo. E logo se iniciaram as mágicas tintilações no nosso tecto. O zinco gargalhava com a chegada da chuva.

Foi a alegria total. E pulávamos, dançávamos, festejávamos. As gotas espessas escorriam por nós como se daquele banho fôssemos nascendo.

- Vamos ao rio. Vamos agradecer, meu filho.

Eu não sabia como se agradece a um rio. À medida, porém, que os meus pés procuravam caminho entre as rochas eu entendia: não era ao rio que iríamos agradecer. Era ao fio do tempo, esse costureiro da água que entrelaçava o pingo da chuva com a gota do rio (COUTO, 2004, p.47,48).

Pois, enfim, é chuva! Seria, então, preciso rasgar o guarda-chuva para deixar um pouco desse inconcebível penetrar e movimentar a pesquisa? Convidar a chuva para tocar a pele-escrita, encharcar as palavras e deslizar seus sentidos... Chamar o vento para passear por *entre* folhas molhadas que se põe a secar ao sol e, quem sabe assim, abrir brechas para que o ar possa passar, *circular*. Arejar os pensamentos. Pesquis(ar). Palavras que se abrem a outras possibilidades, perfuram-se.





LUCCAS, 2015, p.9)

... forma ampla e aberta as intensio
... os limi
... ultrapassar
... algo

... e sempre remetid
... (odoy, 2009, p.81).

... imagens, palavras e s
... enados ou cientificamen
... sam espaços e tempos del



...ciência. pensar a ciência fora das opo
...ncialidades de uma criação e de pens
...arte e ciência, problematizando essa
...as moralidades que se
...atividades do
CNPQ
...Susana
...ordenador
...Pestana
...vegetal
...anda em
...Pernambuco



... utópicas
... por conheç
... a divu
... tema à
... de pensament
... meu
... a-las, vive ncia-las e
... aprisionam? com
... de outras vidas
... de extensão
... na divu
... de ampli
... criação
... entre a
... plorar
... explorar as
... se fazem

Referências

ALENCAR, Renata. Vídeo-arte: entre o atual e o virtual. In: **Revista Complexus**. Edição 01, Unileste -MG, 2003.

AMORIM, A.; MARQUES, D.; DIAS, S. O. (Orgs.) **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas, SP: ALB, 2011.

ANDRADE, E.C.P.; ROMAGUERA, A. e pelas cores e-xcorrem pensamentos vão(s). In **Revista Aleglar**. Nº8, Dez, 2011. Disponível em: http://www.alegrar.com.br/revista08/pdf/pelascorres_romaguera_andrade_alegrar8.pdf Acesso em dezembro de 2012.

_____. Sonhar-te e(m) vidas. (Des)narr-ar... **Rua**[online]. n.17,v.1,2011. Disponível em: <http://www.labeurb.unicamp.br/ruateste/pages/home/lerArtigo.rua?pdf=1&id=101> Acesso em dezembro de 2012.

ANDRADE, E.C.P.; SPEGLICH, E. Imagens a fabular ambientes: desejos, perambulações, fugas, convites. 2012. In: **Anais da 33º Reunião Anual da ANPEd. Caxambu-MG**. Disponível em: <http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT22-6691--Int.pdf>. Acesso em dezembro de 2012.

ANDRADE, O. O manifesto antropofágico. **Revista da Antropofagia**. Ano1, n.1. São Paulo, 1928.

BARROS, M. de. **O livro das Ignorâncias**. 16. ed., Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. Ensaios fotográficos. In: **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARTHES, R. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.[Trad. Júlio Castanon Guimarães].

BODSTEIN, C. **Fotojornalismo e a ficcionalidade no cotidiano**. Tese de Doutorado em Multimeios, Instituto de artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

BONFIGLIOLI, C.P. **Discurso, imagem e cultura: a representação do protocolo de Kyoto**. Estudos em jornalismo e mídia. v 3, n. 2, ago-dez de 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2292/2019>. Acesso em abril de 2012.

CÂMARA, A. **Clichê, ficção e riso: uma escrita por entre jornalismo e literatura**. Dissertação (Mestrado), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

CAMELO, A.P. **Comunicasons**. Dissertação (Mestrado), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

COUTO, M. **A chuva pasmada**. Lisboa: Editorial Caminhos de Sá, 2004.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997. [Trad. Peter Pál Pelbart].

_____. **Bergsonismo**. São Paulo: Editora 34, 1999. [Trad. Luiz B. L. Orlandi].

_____. **Francis Bacon: lógica da sensação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007a.

_____. **A Imagem-Tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2005. [Trad. Eloisa de Araujo Ribeiro].

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O que é a filosofia?**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. [Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz].

_____. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquiosofrenia**. Vol.4. São Paulo: Editora 34, 1997. [Trad. Suely Rolnik].

DIAS, S.O. **Papelar o pedagógico...escrita, tempo e vida por entre imprensas e ciências**. Doutorado da Faculdade de Educação (Tese), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____. **Imagem, afeto e política – como dar a ver e ouvir o desaparecimento de uma vida desde dentro do arquivismo?** Projeto de Pesquisa, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

DIAS, S.O.; MARQUES, D.; AMORIM, A.C. (Orgs.). **Conexões: Deleuze e arte e ciências e acontecimento e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq/MCT; Campinas ALB, 2012.

DIAS, S.O.; CÂMARA, A.; MACEDO, S. Editorial Políticas e poéticas das imagens, palavras e sons. In. **Revista Alegrar**, n.8, Dez, 2011. Disponível em: <http://www.alegrar.com.br/revista08/> Acesso em outubro de 2012.

DIAS, S.O.; WUNDER, A. Fabulografias: in-ventar por áfricas-cartões- postais. In: AMORIM, A.C.; MARQUES, D.; DIAS, S.O. (Orgs.). **Conexões: Deleuze e Vida e Fabulação e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq; Campinas ALB, 2011. p. 89-102.

DIAS, S.O.; LUCCAS, T. **Vida e tempo em proliferação: experimentações na divulgação científica das mudanças climáticas.** Projeto de extensão enviado à Faepex/Unicamp. Universidade Estadual de Campinas, 2011.

FERRAZ, M. **Imagem e clichê: reflexões intempestivas.** 2009. Disponível em: <http://www.ateliedaimagem.com.br/sistema/Arquitetura/ArquivosBiblioteca/45.pdf>. Acesso em setembro de 2012.

GAGNEBIN, J.M. O tempo pela janela, o tempo pela escritura. In: PESSOA, F.; CANTON, K. (Orgs.) **Seminários internacionais Museu Vale do Rio Doce/ Sentidos e Arte contemporânea.** Rio de Janeiro: Associação Museu Ferroviário Vale do rio Doce, 2007, p. 95-110.

GODINHO, A. Devir rosto e abrir o pensamento. In: MARQUES, D.; DIAS, S.O.; AMORIM, A.C. (Orgs.). **Conexões: Deleuze e arte e ciências e acontecimento e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq/MCT; Campinas ALB, 2012.

GODOY, A. **A menor das ecologias.** São Paulo: Editora da USP, 2008.

GOLÇALVES, M.L. Encontro com Ondina, a sereia de Memento Mori. In: MARQUES, D.; DIAS, S.O.; AMORIM, A.C. (Orgs.). **Conexões: Deleuze e arte e ciências e acontecimento e...** Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq/MCT; Campinas ALB, 2012.

_____. **A instalação Memento mori de Walmor Corrêa como artefato de divulgação científica.** Dissertação (Mestrado), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

GOSWAMI, A. **Criatividade quântica: como despertar o nosso potencial criativo.** São Paulo: Aleph, 2008. [Trad. Cassia Nasser e Marcelo Borges].

FAVILLA, A. **A imagem híbrida: a síntese entre o universo fotográfico e o digital.** Doutorado (Tese), Instituto de artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

INCT para Mudanças Climáticas. **Relatório de Atividades 2009/2010.** São José dos Campos, Inpe, 2010.

INGOLD, T. **Being alive.** Routledge: New York, 2011.

LATOUR, B. **Políticas da natureza: como fazer ciência na democracia.** Bauru. SP. Edusc, 2004.

LARROSA, Jorge. **Estudar.** Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2003.

MACHADO, A. A fotografia sob impacto da eletrônica. In: SAMAIN, Etienne. (Org.) **O fotográfico.** 2.ed. São Paulo: Hucitec/ Senac, 2005.

MARENCO, J. **Mudanças climáticas globais e seus efeitos sobre a biodiversidade: caracterização do clima atual e definição das alterações climáticas para o território brasileiro ao longo do século XXI.** Brasília: MMA, 2006.

MELO, *M.de F.A.de.* **Mas de onde vem o Latour?** Pesquisa e prática psicossociais 2 (2), São João del-Rei, fev, 2008. Disponível em: www.ufsj.edu.br/portal-

repositorio/File/.../queiroz_melo_artigo.doc. Acesso em outubro de 2012.

MILLER, P.D. **Rhythm Science**. Cambridge/MA; London/England: MediaWork; The MIT Press, 2004.

ODA, P. **Vide o clipe: forças e sensações no caos**. Dissertação (Mestrado), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

OLIVEIRA JR, W. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. In: **Dossiê A educação pela imagens e suas geografias**. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 17-28, set./dez. 2009. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73072009000300002&script=sci_arttext
Acesso em janeiro de 2013.

_____. **A educação visual dos mapas**. In. Anais do XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina. San Jose: Universidad Nacional de Costa Rica, 2011. Disponível em: <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2613> Acesso em janeiro de 2013.

_____. Mapas em deriva: imaginação e cartografia escolar. **Revista Geografares**, nº12, p.01-49, Julho, 2012. Disponível em: www.periodicos.ufes.br/geografares/article/download/3187/2397. Acesso em janeiro de 2013.

PELBART, P.P. **O Tempo não-reconciliado: imagens de tempo em Deleuze**. São. Paulo: Perspectiva, 2004.

PELLEJERO, E. **A postulação da realidade**. Lisboa: Vendaval, 2009.

PESTANA, F.; LUCCAS, T.; DIAS, S.O. **Imagens e palavras tramam tempos, culturas e mudanças**. Anais do II Seminário Internacional Empírika – Comunicação, Divulgação e Percepção de Ciência e Tecnologia, 2012 (no prelo).

SAMAIN, E. (Org.) **O fotográfico**. 2.ed.. São Paulo: Hucitec/ Senac, 2005.

SPINOZA, B. **Ética**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. [Trad. Tomaz Tadeu].

RAMOS, N. **Ó**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

WUNDER, A. **Fotoquasegrafias: o acontecimento por fotografias de escolas**. Doutorado (Tese), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

WUNDER, 2011. Áfricas em ventos: fotografia e fabulação em criações de cartões-postais. **Studium**, Edição Especial “Divagações”, 2011. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/divagacoes/10/index.html> Acesso em julho de 2012.

Imagens utilizadas

Ensaio fotográfico “pesquisa inundada” (p.17, 85, 89, 90, 91, 92, 99). Fotografias produzidas por Tainá de Luccas.

Fotografias clichês (p.23). Composição imagética com capas de jornal e revista, produzida por Fernanda Pestana.

Imagem de satélite extraída do jogo de cartas produzido durante o projeto “ Vida e tempo em proliferação: experimentações na divulgação científica das mudanças climáticas” (Faepex/Unicamp). (p.70).

Imagens “instalação furacão” (p.44 a p.56 e p.58 a p.61). Fotografias produzidas pelos participantes do projeto “Vida e tempo em proliferação: experimentações na divulgação científica das mudanças climáticas” (Faepex/Unicamp). Criação/composição imagética para esta dissertação: Fernanda Pestana e Tainá de Luccas.

